



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CURSO DE LETRAS – JAPONÊS

GUSTAVO DE SOUZA CUNHA BESSONI

DAZAI OSAMU
A MULHER DE VILLON E O CONFLITO COM OS VALORES MORAIS
DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA

BRASÍLIA, DF
2018

GUSTAVO DE SOUZA CUNHA BESSONI

DAZAI OSAMU
A MULHER DE VILLON E O CONFLITO COM OS VALORES MORAIS
DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA

Monografia apresentada à
Universidade de Brasília como
requisito parcial à obtenção do título
de licenciado em Letras – Língua e
Literatura Japonesa.

Orientadora: Professora Dr^a. Donatella
Natili.

BRASÍLIA, DF
2018

GUSTAVO DE SOUZA CUNHA BESSONI

DAZAI OSAMU
A MULHER DE VILLON E O CONFLITO COM OS VALORES MORAIS
DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA

Monografia apresentada à Universidade de
Brasília como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em Letras – Língua e
Literatura Japonesa.

Aprovada em ____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª Donatella Natili – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Profª. Ma. Kimiko Uchigasaki Pinheiro
(Examinadora)

Prof. Ítalo Silva Bernardes
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de Dazai. Este ano fazem 70 anos de seu falecimento, e suas obras continuam influenciando e espantando as mentes de leitores em todo o mundo.

BRASÍLIA, DF

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à minha orientadora Donatella Natili. Todo o auxílio e conversas me ajudaram a delimitar cada vez mais o tema de minha pesquisa e edificaram meu conhecimento sobre o autor e suas obras.

A todos os pesquisadores que vieram antes, cujo trabalho hercúleo de juntar as informações sobre obra e vida do autor me possibilitaram estudar e escrever algo sobre ele.

Aos meus pais, que me incentivaram sempre a estudar, com grande paciência, mesmo quando eu não sabia o que queria da vida. Sem seu carinho jamais poderia ter concluído este trabalho.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por não ter desistido nas longas noites sem dormir escrevendo este trabalho. Foi um longo caminho, mas chego ao fim com a sensação de dever cumprido.

RESUMO

Em vista da escassez de traduções da obra literária de Dazai Osamu no Brasil, este trabalho tem como escopo apresentar uma tradução do conto ヴィヨンの妻 (*Viyon no Tsuma – A Mulher de Villon*) e uma análise do conflito com os valores tradicionais japoneses no momento do pós-guerra sob uma perspectiva da biografia de Dazai, dialogando com o movimento literário ao qual pertencia – *Burai-ha* (os decadentes).

Palavras-chave: Literatura japonesa, pós-guerra, *Burai-ha*, *A Mulher de Villon*, Dazai Osamu.

ABSTRACT

In view of the lack of translations of the literary work of Dazai Osamu in Brazil, this work aims to present a translation of the story ヴィヨンの妻 (*Viyon no Tsuma – Villon's Wife*) that is in accordance with the literary style of the author, and present an analysis of the conflict with traditional values from the perspective of Dazai's biography, in dialogue with the literary movement to which he belonged – *Burai-ha* (the decadents).

Keywords: Japanese literature, postwar, *Burai-ha*, *Villon's Wife*, Dazai Osamu.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	Objetivos.....	10
1.2	Justificativa.....	10
1.3	Método.....	11
2.	VIDA E OBRA DE DAZAI.....	12
2.1	Infância e adolescência.....	12
2.2	Relação com o comunismo.....	14
2.3	Trabalho como escritor.....	16
2.4	O período da Guerra.....	19
2.5	Anos finais.....	21
3.	ANÁLISE DO CONTO.....	23
3.1	Resumo.....	23
3.2	Análise.....	25
4.	TRADUÇÃO DE ヱィヨンの妻 (VIYON NO TSUMA – A Mulher de Villon).....	33
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	BIBLIOGRAFIA.....	52
	APÊNDICE.....	53
	ANEXOS.....	55
	Anexo 1.....	55
	Anexo 2.....	57

1. INTRODUÇÃO

Dazai, um dos autores mais proeminentes do Japão moderno e especialmente do Pós-Guerra, é uma figura bastante controversa que ainda hoje suscita muitos debates e estudos no Japão. Sua obra, mais famosa representante da corrente literária *Burai-ha*, é carregada do pessimismo, ironia e sarcasmo que permeiam o espírito dos autores desse movimento. (KEENE, 1984 a, p. 1023)

Seus romances mais aclamados, talvez por seu caráter autobiográfico (KEENE, 1984 a, p. 1061 e p. 1063), como *Shayō* (*Pôr do Sol*, 1947) e *Ningen Shikkaku* (*Declínio de um Homem*, 1948), são aqueles onde o autor mais expõe seu desespero existencial, por meio de um diário e de uma carta de suicídio, escritos por Naoji, irmão da personagem principal em *Shayō*, e das confissões de Yōzō, personagem principal em *Ningen Shikkaku*.

Do ponto de vista da sociedade japonesa, Dazai era considerado um subversivo, que atacava valores tradicionais da família e da sociedade. Em *Katei no Kōfuku* (*A felicidade da Família*, 1948) por exemplo, Dazai conclui a obra com o seguinte comentário: “A felicidade da família é a raiz de todo o mal”¹ (KEENE, 1984 a, p. 1063).

Embora os escritores da *Burai-ha* fossem considerados em geral como subversivos, de comportamento errático e dissoluto, e não tenham sido tão bem-aceitos pelos críticos literários de seu tempo, nenhum outro grupo tem maior relevância em termos de popularidade e influência nos leitores (KEENE, 1984 a, p. 1023), sendo Dazai o maior representante do grupo.

Quanto aos estudos japoneses realizados no Brasil, é estranho que em nosso país, que cultiva tantos interesses e laços culturais com o Japão, hajam tão poucos estudos relativos a este movimento, e, sobretudo, sobre um autor como Dazai, cujos insights da psiquê japonesa e da moralidade da época do momento em que viveu são tão importantes para compreender o Japão de seu tempo, e mesmo o contemporâneo.

1 Tradução nossa.

1.1 Objetivos

Em vista da escassez de traduções de obras do autor para a língua portuguesa, e no afã de compreender um pouco mais as mudanças culturais que se passaram no Japão do pós-guerra, o presente trabalho tem como principais objetivos os seguintes pontos:

- Apresentar uma proposta de tradução de um conto e de um ensaio do autor
- Analisar o conflito pessoal do autor com os valores morais tradicionais do Japão no pós-guerra expressos na obra, tendo como base para análise os princípios da corrente literária à qual o escritor pertencia.
- Incentivar futuras traduções e o estudo de sua obra no Brasil e em especial no curso de Letras – Japonês da Universidade de Brasília

1.2 Justificativa

Dazai abordou com maestria um dos períodos mais conturbados da história do Japão, os períodos entre guerra e o pós-guerra da Segunda Guerra Mundial, trazendo ao leitor com extrema clareza um vislumbre do que os japoneses pensavam numa época de conflito com os valores tradicionais num momento em que foram introduzidos e adotados novos valores e costumes do Ocidente.

Quanto ao conto *A Mulher de Villon*, Donald Keene aponta que é a evocação mais eficaz de Dazai do clima de desolação do Japão no pós-guerra (1984 a, p. 1060). O conto é também um dos exemplos da literatura de Dazai com narradores femininos, e introduz alguns temas que seriam posteriormente aprofundados em seus romances mais aclamados, *Shayō* e *Ningen Shikkaku*, como a independência da mulher, a queda da aristocracia japonesa, e a fragilidade da moral.

Para entusiastas e estudantes da história e cultura modernas do Japão, é de grande valia estudar a obra de Dazai, especialmente o conto *A Mulher de Villon*, que oferece uma ideia dos processos de transformação dos valores morais e sociais que ocorreram no Japão à época; transformação que, embora lenta, certamente ocorreu, como relembra Keene em sua introdução da tradução de *Shayō*.

1.3 Método

Revisão bibliográfica de autores que abordam a vida e obra de Dazai Osamu, como Donald Keene, Ueda Makoto, Phyllis I. Lyons, Joel R. Cohn entre outros; estudar a história da vida do autor, as influências literárias em sua obra e identificar algumas das características mais marcantes de seu estilo literário.

Tradução e análise do conto ヴィヨンの妻 (*Viyon no Tsuma – A Mulher de Villon*). A tradução foi realizada a partir do texto original em japonês, disponível para download no web site <https://www.aozora.gr.jp/> que disponibiliza gratuitamente inúmeras obras e ensaios de autores japoneses. Para alguns casos gramaticais onde foi encontrada alguma dificuldade, foi consultada a tradução em inglês de Donald Keene, encontrada no livro *Modern Japanese Literature: an Anthology* (1994). Quando foram observadas diferenças entre o texto original e a tradução em inglês no que se refere ao uso de termos próprios da língua japonesa (como kimono ou tatami), ou construções e usos idiomáticos (como 気違いに刃物 - kichigai ni hamono, “dar lâminas a um louco”) característicos da língua que foram por vezes perdidos na tradução em inglês, foi dada preferência a uma aproximação ao termo ou construção original em japonês, e quando necessárias, algumas explicações em notas de rodapé.

A análise do conto se deu sob a perspectiva dos valores morais da época do pós-guerra, e de elementos da vida do autor em relação com os princípios estabelecidos no movimento literário dos decadentes por Sakaguchi Ango em sua obra 墮落論 (*Daraku ron – Ensaio sobre a Decadência, 1946*), observando como o conto se encaixa no movimento literário.

Apresentar a tradução do ensaio 小説の面白さ (*Shōsetsu no omoshirosa – Diversão de um Romance*) que traz alguns insights importantes sobre a visão do autor em relação ao gênero literário *Shōsetsu* (novela, romance).

2. VIDA E OBRA DE DAZAI

Tsushima Shūji, mais conhecido sob o pseudônimo de Dazai Osamu (太宰治), nasceu em 19 de Junho de 1909 na prefeitura de Aomori, cidade de Kanagi, e morreu em 13 de Junho de 1948 em Tóquio. Foi um dos escritores mais importantes da literatura moderna japonesa.

Famoso por seu estilo de vida dissoluto e errático, tanto quanto por sua obra literária nihilista, pessimista e de humor sarcástico, deixou obras de grande valor literário, como 斜陽 (*Shayō, O Pôr do Sol*), 人間失格 (*Ningen Shikkaku, Declínio de um Homem*), ヴィヨンの妻 (*Viyon no Tsuma, A Mulher de Villon*), 走れメロス (*Hashire Merosu!, Corra, Melos!, 1946*), entre dezenas de outros contos e ensaios, nos quais aborda temas como psicologia humana, moralidade, vício e doença, crítica literária. Dazai fez também releituras de contos chineses e japoneses antigos e contos ocidentais modernos.

2.1 Infância e adolescência

Desde os seus primeiros anos de vida, Dazai Osamu nunca teve muito contato com seu pai, um político importante da região e que estava sempre viajando, nem com sua mãe, que era doente, e assim, foi criado primeiro por uma babá, que se afastou após cerca de um ano para se casar, e posteriormente por sua tia Kiye (irmã de sua mãe, Yūko) e uma criada, Chikamura Take².

Na escola, foi um aluno modelo, sempre se destacando com notas exemplares. Em 1923, seu pai morre enquanto hospitalizado por uma epidemia de gripe comum, no mesmo período Dazai entra no ensino médio. Nesta época começa a ler obras de Ryūnosuke Akutagawa (1892 – 1927), Kikuchi Kan (1888 – 1948), Shiga Naoya (1883 – 1971), Murō Saisei (1889 – 1962), Ibuse Masuji (1898 – 1993) e Izumi Kyōka (1873 – 1939), sendo especialmente influenciado por Akutagawa e Izumi Kyōka, e posteriormente se tornando discípulo de Ibuse Masuji (KEENE, 1984 a, p. 1038).

Apesar de seu brilhantismo, Dazai, tendo entrado em contato também nesta época com algumas obras marxistas, frequentemente atormentado pelo sentimento de culpa por ser membro de uma família rica, comete sua primeira tentativa de suicídio ainda no ensino médio, em 1929,

2 Tradução nossa. Disponível em: <https://dazai.or.jp/modules/known/known_child.html>, acessado em: 10 de Junho, 2018.

tomando uma overdose de calmotina. Nesta época produziu obras de orientação esquerdista como *Gakuseigun* (Os estudantes), onde descreve uma greve estudantil (KEENE, 1984 a, p.1032).

Sobre esta sua primeira tentativa de suicídio, Dazai comentou em 1946 da seguinte forma:

Ditadura do proletariado. Isto, sem dúvida, era um novo conceito. Não cooperação, mas ditadura. Indiscriminadamente derrubando a oposição. Todos os ricos são perversos. Todos os aristocratas são perversos. Apenas os pobres são bons. Eu era a favor de uma revolta armada. Uma revolução sem uma guilhotina não faz sentido. Mas eu não pertencia às classes baixas. Eu era um dos destinados a parar na guilhotina. Eu era um estudante de ensino médio de dezenove anos, o único membro da turma que possuía um uniforme escolar notavelmente bem-feito. Eu fiquei cada vez mais e mais convencido de que estava fadado a me matar. Eu tomei uma boa dose de calmotina. Não foi o suficiente para me matar. (*Zenshū*, VIII, 1957, p. 208) ³

Dazai ficou em coma e, alguns dias após recobrar sua consciência, foi levado por sua mãe a um *onsen*⁴ por algum tempo para se recuperar.⁵

Em 1930, aos vinte anos de idade, comete sua segunda tentativa de suicídio, desta vez um suicídio duplo com uma garçonne chamada Tanabe Atsumi nas praias de Kamakura. Dazai sobreviveu, mas infelizmente Atsumi faleceu.

Em seguida, ele foge de casa e casa-se com Hatsuyo, uma jovem gueixa, motivo pelo qual é deserddado pela família.⁶

Embora Dazai relembre a sua tentativa de suicídio duplo em diversos momentos de suas obras, a cada vez ele o faz de modo diferente, e por isso, segundo Donald Keene, Dazai não pode ser considerado plenamente um autor de *Shishōsetsu*, ou “Novela do Eu” (KEENE, 1984 a, p. 1927).

3 Tradução nossa.

4 Termas japonesas tradicionais.

5 Tradução nossa. Disponível em: <https://dazai.or.jp/modules/know/know_student.html>, acessado em: 10 de Junho, 2018.

6 Idem.

“No matter how straightforwardly Dazai might seem to be narrating actual events, an element of fiction was generally present. He seems to have been unable, ever since he was a child, to tell the unadorned truth (KEENE, 1984 a, p. 1928).

Logo em seguida, ainda em 1930, entra na universidade Imperial de Tóquio (atual Universidade de Tóquio) onde se matricula para o curso de Literatura francesa mas, sem comparecer às aulas e falhando em todas as provas, acaba sendo expulso da Universidade sem, inclusive, ter aprendido nada de francês (KEENE, 1984 a, p.1040-1041).

2.2 Relação com o comunismo

Em seus anos de universidade também, iniciou atividades pelo partido comunista, mas foi posteriormente criticado por membros do próprio partido, como Miyamoto Kenji, um crítico literário que eventualmente veio a ser secretário geral do partido comunista, e Honda Shūgo, também um crítico com inclinações marxistas. Honda atribuía o interesse de Dazai no comunismo ao momento no qual viveu, já que muitos dos jovens da geração de Dazai professavam o marxismo no final de 1920, considerando suas atividades como algo sem profundidade, e mesmo julgando a personalidade suicida de Dazai incompatível com os ideais do movimento (KEENE, 1984 a, p. 1033).

Embora Dazai se martirizasse por ter nascido numa família abastada, e fosse a favor de uma revolução, ele nunca foi de fato um pregador dos ideais socialistas, pelo menos no que se refere às suas obras literárias. Ele próprio descreve como sentia uma certa repulsa pela literatura do proletariado nos seguintes termos:

There was at this time something known as “proletarian literature”. Reading it was enough to give me gooseflesh and to cause the hot tears to come. Whenever I am brought face-to-face with an unnatural, ugly style, I always get gooseflesh and the corner of my eyes become hot, for no accountable reason. A comrade suggested to me that, considering my literary talent, I should write proletarian literature and contribute the fees I would receive to the Party funds. I tried writing some under a pseudonym, but even as I wrote I felt the tears coming. Nothing resulted from this attempt. (KEENE, 1984 a, p. 1035)

Talvez por este motivo, críticos literários tenham tanta dificuldade em encaixar Dazai em alguma corrente literária, visto que ele não poderia ser considerado um escritor de *Shishōsetsu* nem de literatura do proletariado, embora suas obras certamente tenham características autobiográficas e de cunho revolucionário. Dazai é colocado no grupo da *Burai-ha* mas, mais do que uma corrente literária, esta deveria talvez ser considerada como uma espécie de “filosofia de vida” ou corrente de pensamento que busca o questionamento, destruição ou substituição dos valores morais tradicionais, enxergados como um falso moralismo. Mais tarde veremos como *A Mulher de Villon* se encaixa nesta linha de pensamento, analisando em conjunto um trecho da obra que definiu a *Burai-ha*, *Daraku-ron (Ensaio sobre a Decadência)* de Sakaguchi Ango (1906 – 1955).

Em 1932 a polícia visitou a família de Dazai e os informou sobre suas atividades no partido comunista. O irmão mais velho cancelou imediatamente o envio mensal de dinheiro que fornecia para que ele usasse nas despesas para estudar na Universidade, e o chamou para que fosse a Aomori secretamente para jurar formalmente perante a polícia sua renúncia às atividades do movimento de esquerda (processo conhecido como *tenkō*⁷), prometendo que voltaria a enviar dinheiro até que ele terminasse a faculdade. Dazai aceitou todas as condições, aparentemente, sem muita dificuldade, visto que tinha passado a ter medo do partido comunista e suas exigências (KEENE, 1984 a, p. 1037).

De fato, alguns trechos de sua literatura mostram um certo descaso com a questão social em si, reforçando a ideia de que a revolução que Dazai buscava era mais moral do que social. A exemplo disso, podemos citar um trecho de *Shayō* no qual a personagem principal, *Kazuko*, fala sobre a experiência da leitura de um livro marxista:

Eu sentei no quarto que ficava ao lado do quarto de mamãe, lendo com estranha agitação *Introdução a economia* de Rosa Luxemburgo. Eu tinha tomado o livro emprestado do quarto de Naoji (sem a permissão dele, naturalmente) junto com *Obras Selecionadas de Lenin* e *A Revolução Social* de Kautsky... Eu mesma considerei algumas coisas objetáveis ao ler o livro de Rosa Luxemburgo, mas, dado o tipo de

7 *Tenkō* era o processo praticado entre os anos de 1925 a 1945 no qual socialistas japoneses abdicavam da crença na ideologia socialista e de qualquer atividade relacionada ao Partido Comunista (que era ilegal na época). Normalmente era realizado sob custódia da polícia, como condição para a soltura. Mesmo após a renúncia muitos continuaram sob vigilância e perseguição policial.

pessoa que eu sou, a experiência como um todo foi de profundo interesse. O objeto de estudo do livro era considerado em geral como economia, mas se for lido como economia, é inacreditavelmente entediante. Não contém nada além de clichês excessivamente óbvios. Pode ser é claro que eu apenas não entenda nada de economia. De qualquer modo, o assunto não tem o menor interesse para mim. Uma ciência que é postulada na suposição de que seres humanos são avaros, e permanecerão avaros por toda a eternidade é totalmente desprovida de sentido (seja em problemas de distribuição ou qualquer outro aspecto) a uma pessoa que não seja avara. Ainda assim, enquanto lia o livro, eu senti uma estranha excitação por uma razão completamente diferente – a pura coragem da autora demonstrada em dilacerar sem qualquer hesitação todos as condutas e ideias convencionais... Destruição é trágica, lamentável e bela. O sonho de destruir, reconstruir, e aperfeiçoar. Talvez até mesmo, quando um tenha destruído algo, o dia de aperfeiçoar jamais chegue, mas na paixão deste amor eu devo destruir. Eu devo começar uma revolução. (KEENE, 1984 b, p. 111) ⁸

Embora seja inquestionável o sentimento de culpa que Dazai sentia por ser de origem aristocrática como vimos anteriormente, com o amadurecer de suas obras, especialmente nas escritas no pós-guerra como *A Mulher de Villon*, *O Pôr do Sol* e *Declínio de um homem*, vemos que a revolução que ele buscava era não uma de afirmação social, mas de aceitação de uma “nova moral” em detrimento da “moral tradicional”. Talvez o momento mais representativo da revolução que ele buscava esteja escrito em *Shayō*, quando *Kazuko* diz: “Victims. Victims of a transitional period of morality. That is what we both certainly are” (KEENE, 1984 b, p. 173).

Compreender esse desejo de revolução dos costumes e da moral é essencial para entender a literatura de Dazai, como veremos posteriormente na análise do conto *A Mulher de Villon*.

2.3 Trabalho como escritor

Dazai escreveu muitas obras, mas sua fama não veio tão facilmente, e mesmo quando chegou, não lhe trouxe liberdade financeira, embora tenha ficado famoso no mundo literário, especialmente entre o público mais jovem.

8 Tradução nossa.

Durante boa parte de sua vida atuando como escritor, ele não foi capaz de viver apenas do dinheiro que recebia por suas publicações e muitas vezes tomou dinheiro emprestado ou usava do dinheiro que seu irmão eventualmente lhe dava para pagar suas despesas.

Em 1930 Ibusé Masuji se tornou seu mentor. Dazai o admirava desde os tempos da adolescência, e neste período chegou a enviar-lhe diversos trabalhos escritos sem porém receber nenhuma recomendação de publicação para revistas literárias. Em 1933, pouco depois de prestar juramento de abandono das atividades esquerdistas perante a polícia de Aomori, Dazai começou a escrever a obra autobiográfica *Omoide (Memórias)* como último testamento, pensando já na possibilidade de um próximo suicídio (KEENE, 1984 a, p. 1038)

Memórias foi o primeiro trabalho de Dazai a receber algum elogio de Ibusé, que o exortou que continuasse escrevendo com confiança, e se dedicasse mais à leitura dos clássicos ocidentais, ao mesmo tempo que frequentasse as aulas da faculdade. Dazai ficou feliz com os cumprimentos mas ignorou as admoestações de seu mentor para frequentar as aulas, usando sua escrita como justificativa para não ir à universidade, e, pouco depois, terminou de escrever sua primeira coletânea de contos, em 1934, *Bannen – Anos de Decadência*.

Neste meio tempo, as histórias de Dazai publicadas em revistas começaram a chamar alguma atenção e ele passou a conhecer pessoas importantes no mundo da literatura, entre escritores, jornalistas e editores, mas estas atividades serviram apenas como mais desculpas para não participar das aulas na universidade (KEENE, 1984 a, p. 1039-1940).

Em 1935, após ser expulso da Universidade Imperial de Tóquio, tentou inscrever-se para uma vaga de trabalho em um jornal, mas foi recusado. A situação geral em que se encontrava, servindo como um gatilho, levou Dazai a mais uma tentativa de suicídio (a terceira), novamente em Kamakura, mas desta vez por enforcamento. A tentativa foi frustrada pois o nó da corda se partiu, e Dazai abandonou a ideia. Algumas semanas depois do acontecido Dazai teve um caso agudo de apendicite, que apenas se complicou pela demora em chamar um médico. Ele desenvolveu peritonite e estava em tanta agonia que lhe ministraram pabinal, um analgésico potente. Após sua saída do hospital, ele tornou-se dependente químico desta droga, aumentando a dosagem gradualmente. Seu vício perdurou por cerca de um ano e meio, e este provavelmente foi o período mais angustiante de toda sua vida. De um modo ou de outro ele conseguia obter a droga, mas o custo foi alto, tanto em termos financeiros quanto de saúde, e logo ele se viu

endividado com cada amigo ou editor com quem ele conseguia pegar dinheiro emprestado. Ele vendeu todos os seus manuscritos, e se forçou a escrever mais.

Segundo Donald Keene, as obras escritas neste período são excruciantes de se ler, e sugerem o desespero de um homem escrevendo na miséria. (KEENE, 1984 a, p. 1042)

Ainda em 1935, foi estabelecido o Prêmio Akutagawa de Literatura pela empresa editora Bungei Shunjū Sha, que era atribuído em reconhecimento ao mérito de escritores pouco conhecidos. O prêmio consistia de uma quantia razoável de dinheiro e a promessa de publicação de contos futuros na revista. O júri consistia de escritores tarimbados como Tanizaki Jun'ichirō (1886 – 1965), Kawabata Yasunari (1899 – 1972), Satō Haruo (1892 – 1964), entre outros. Dazai estava desesperado para ganhar o prêmio não só pelo reconhecimento que isso traria para suas obras, mas também pois precisava do dinheiro para as drogas (KEENE, 1984 a, p. 1042). Ademais, o prêmio seria uma conquista pessoal importante para Dazai, visto que homenageava um de seus maiores ídolos literários, Akutagawa.

Apesar de receber o apoio de Satō Haruo, todavia, este prêmio foi dado para outro escritor, principalmente porque Kawabata se opunha fortemente às obras de Dazai por seu teor mórbido e insalubre. Dazai, extremamente desapontado e enraivecido, escreveu uma carta aberta a Kawabata, que logo em seguida foi publicada.

Tanto a carta quanto as obras escritas neste período são marcadas por uma certa confusão, sendo as vezes difícil compreender o que Dazai queria dizer, visto que foram escritas sob forte influência do vício.

Ele estava convencido de que Satō era sua única chance de conseguir o prêmio Akutagawa, e repetidamente mandou cartas para este, implorando por seu apoio (KEENE, 1984 a, p. 1044).

No entanto, a banca decidiu que não daria nenhum prêmio no segundo ano de publicação, e no terceiro não aceitaram inscrições de nenhum autor que tivesse participado previamente, fazendo com que a ansiedade e desespero de Dazai aumentassem.

A publicação de seus contos na coletânea de *Bannen*, em 1936, lhe trouxe alguma reputação e ele pode fazer contato com alguns escritores importantes, mas seu vício ficava cada vez pior. Sua esposa Hatsuyo pediu ajuda para Ibuse, que o retransmitiu para Satō e para o irmão mais velho de Dazai. Sem ser consultado, Dazai foi levado em seu estado de quase demência para um hospício, para fazer uma desintoxicação (KEENE, 1984 a, p. 1044)

Mesmo durante o confinamento continuou escrevendo, e a história *Human Lost*⁹, publicada em 1937, descreve sua experiência neste hospício.

Dazai sai da internação curado do seu vício mas, tendo descoberto que sua mulher Hatsuyo teve relações sexuais com um amigo enquanto ele esteve internado, não conseguiu ficar em paz mesmo após sair do confinamento. Mais uma vez tenta cometer suicídio, desta vez com sua esposa. Eles planejaram tomar uma overdose de barbitúricos. Dazai descreve posteriormente este evento: “Aquela noite nas montanhas nós prosseguimos com nosso suicídio planejado. Eu estava determinado a não matar H e fiz alguns arranjos para garantir que assim fosse. H sobreviveu. Mas eu também estraguei meu próprio suicídio, brilhantemente” (Zenshū, IV, 1957, p. 197)¹⁰. Após esta quarta tentativa frustrada de suicídio, Dazai e Hatsuyo se separaram (KEENE, 1984 a, p.1046).

Dazai foi então, em 1938, por recomendação de Ibuse Masuji, morar numa pousada chamada *Tenka Chaya* em Misaka Tōge. Não muito depois, apresentados por Ibuse, casou-se com Michiko Ishihara e passou a morar em Kofu. No ano seguinte, mudaram-se para Mitaka, onde sua filha Sonoko nasceu.

Também nessa época, ao receber notícias de que a saúde de sua mãe, Yūko, deteriorou-se, voltou sozinho para sua vila natal, depois de dez anos sem se verem, para visitá-la no hospital. Neste momento, ele também reencontrou sua avó, Jikei Eiji, e sua tia Kiye.

Como a condição de sua mãe tornou-se cada vez mais crítica, Michiko e sua filha Sonoko foram para a vila natal de seu marido para encontrar a família Tsushima pela primeira vez. Passado pouco tempo, Yūko faleceu, aos 70 anos de idade. Após trinta e cinco dias de luto e cerimônias, Dazai retornou com sua família para casa¹¹.

9 Não confundir com *No Longer Human*. *Human Lost* foi escrita em 1937 com o título original em inglês e descreve as experiências de Dazai durante sua internação, enquanto *No Longer Human* (*Ningen Shikkaku*) foi escrito em 1948, uma das últimas obras de Dazai.

10 Tradução nossa.

11 Tradução nossa. Disponível em: <<https://dazai.or.jp/modules/knownow/novelist.html>>, acessado em: 15 de Junho, 2018.

2.4 O período da Guerra

Ironicamente, talvez o período da Segunda Guerra Mundial tenha sido o mais feliz da vida de Dazai. Ele havia se casado novamente e tido uma filha, desfrutava de uma fama relativa e havia se libertado do vício. As obras produzidas nesse período são indiscutivelmente emocionalmente mais leves, parte delas sendo até espirituosas, nostálgicas, ou trazendo mensagens inspiradoras. Sua veia cômica também se mostra um pouco menos ácida e apresenta mais leveza, mas ainda sempre questionando os padrões estabelecidos pela sociedade, como beleza, o certo e o errado, como podemos ver em contos como “*Ai to bi ni tsuite*” (*Sobre o amor e a beleza* – 1939), *Roman dōrō* (*Lanternas de Romance* – 1941), ou *Hashire, Merosu!* (*Corra, Melos!* – 1946). Além destes, também se aventurou por escrever releituras de contos e histórias ocidentais, chinesas e japonesas, como *Chikusei* (*Blue Bamboo* – 1945) uma releitura de um clássico chinês, *Onna no Kettō* (*Duelo das mulheres* – 1940) baseado num romance alemão de Herbert Eulemberg, e até mesmo tentou escrever no formato de peça para teatro o seu *Shin Hamuretto* (*Novo Hamlet* – 1941).

Dazai foi chamado pelo exército para avaliação mas foi liberado do serviço militar por sua debilitação no pulmão. Os anos de guerra foram, segundo Dazai, prejudiciais para sua escrita, como ele alega em *Jūgonenkan* (*Quinze anos* – 1946):

1942, 1943, 1944, 1945 – Estes foram anos terríveis para nós. Eu fui chamado por três vezes e a cada vez passei por um treinamento intenso em ataques com lanças de bambu. Entre as madrugadas e sabe Deus o que mais, eu fui capaz de escrever e publicar algumas histórias, apenas para descobrir que essa atividade não era bem-vista pelo serviço de inteligência. Em 1943 publiquei uma novela de 300 páginas, chamada *Udaijin Sanetomo* [*Ministro da Direita Sanetomo*], apenas para receber uma interpretação absurda como *Yudayajin Sanetomo* [*O judeu Sanetomo*]. “Subordinados Japoneses Leias” declararam que Dazai retratou Sanetomo como um judeu. Estes “Subordinados Leiais” imbecis, por pura perversidade, me trataram como não patriótico, e fizeram seu melhor de vários modos para me denunciar às autoridades... Entretanto, eu não tenho o objetivo de clamar aqui, como outros o fizeram, que eu me opunha à guerra desde o início, que eu era um inimigo do exército japonês, um liberal. Eu não tenho desejo algum de falar mal de Tōjō de repente, agora que a guerra acabou,

nem gritar sobre quem foi culpado pela guerra começar e assim por diante. Até mesmo o socialismo se degenerou em uma filosofia de salão. Eu não posso escarranchar essa nova tendência do mesmo jeito que não o fiz com a antiga.

... Durante a guerra eu pensei que se, dadas as circunstâncias, o Japão vencesse a guerra, não seríamos mais o país dos Deuses, mas sim do diabo. Mas eu declarei minha confiança na vitória japonesa. Eu estava do lado do Japão. (KEENE, 1984 a, p. 1050)

Embora Dazai assim alegue, outros autores receberam censuras e punições muito piores.

Em 1944, foi aconselhado pela livraria Koyama Masayoshi Kanami para que escrevesse um romance, *Tsugaru*, sobre sua terra natal. Com esse propósito, viajou pela área de *Tsugaru* em maio. Terminou de escrever a obra em julho do mesmo ano, e logo em seguida nasceu seu filho, Masaki. Em sua obra *Tsugaru* ele cria uma atmosfera nostálgica e relembra casos da infância, enquanto conta de seu reencontro com a família, e a jovem babá que ajudou a criá-lo, Take.

Em 1945, com os ataques aéreos das forças armadas dos EUA se intensificando, evacuou junto com esposa e filhos para Kofu. Em seguida, evacuados novamente, desta vez para *Tsugaru*, viveram em "Nova Zashiki", onde Dazai escreveu 22 obras.

2.5 Anos finais

Após o fim da guerra, em 1947, nasceu sua filha Satoko, a futura escritora Tsushima Yuko. Neste período, Dazai já havia retornado ao seu niilismo sarcástico e seu pessimismo habitual.

No mesmo ano, teve uma filha fora do casamento com Ota Shizuko, que ele chamou de Haruko. Algumas de suas obras mais importantes foram publicadas neste ano, entre elas *A Mulher de Villon*, e *O Pôr do Sol*.

Logo depois, Dazai abandonou sua família e passou a viver com Yamazaki Tomie, uma esteticista, viúva de guerra. Em 1948 escreveu *Declínio de um Homem*, obra que hoje em dia é aclamada por muitos críticos como seu melhor trabalho, *Terceira Nota* e *Good Bye*, ficando esta última inacabada. Em Junho do mesmo ano, usando um yukata¹², saiu de casa com Yamazaki Tomie (1919 – 1948) e cometeu sua quinta e última tentativa de suicídio, no rio Tama Koizumi,

12 Estilo de kimono de verão.

no dia 13 de Junho, aos 38 anos de idade. O corpo de ambos foi encontrado seis dias depois, no dia do aniversário de 39 anos de Dazai, 19 de Junho de 1948¹³.

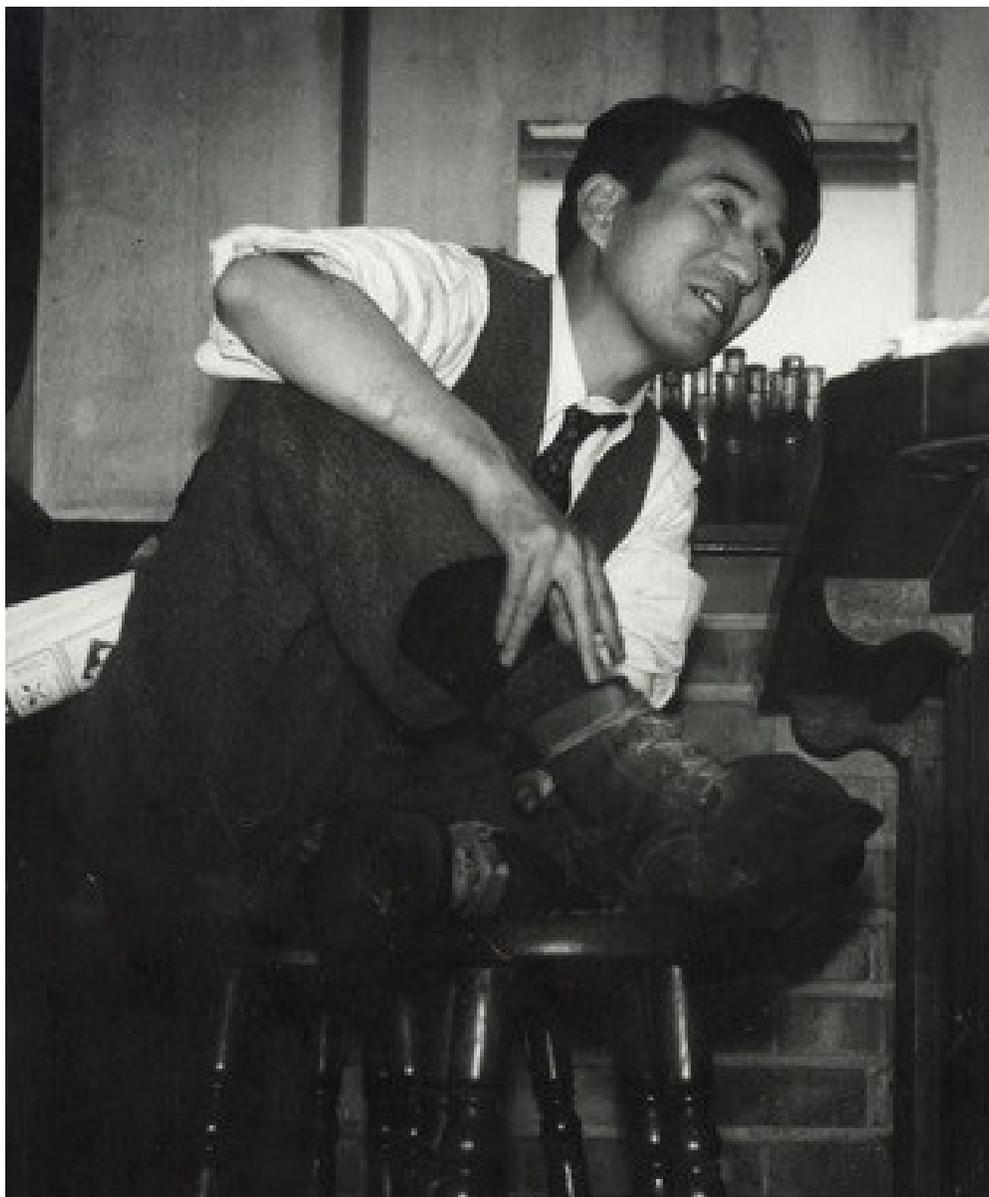


Figura 1: Dazai no bar "Lupine" em Guinza, 1946 (foto por: Hayashi Tadahiko)

14

13 Tradução nossa. Disponível em: <https://dazai.or.jp/modules/know/know_novelist.html>, acessado em: 16 de Junho, 2018.

14 Figura 1 disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Osamu_Dazai#/media/File:Osamu_Dazai1946.jpg> acessado em: 10 de Julho de 2018. Domínio Público.

3. ANÁLISE DO CONTO

3.1 Resumo

“A Mulher de Villon” (ヴィヨンの妻, *Viyon no Tsuma*), conto publicado originalmente em 1947, conta a história de Satchan, a personagem-narradora, que ao buscar uma forma de reparar os erros do marido alcoólatra e negligente encontra (ambos) salvação e perdição.

A história começa com Satchan sendo acordada pelo som da porta de sua casa sendo aberta repentinamente pelo marido, bêbado, voltando tarde da noite para casa. Num ato incomum, o marido, Ōtani, pergunta sobre a saúde do filho, se ainda tem febre. Em vez de ficar contente pela súbita demonstração de afeto do marido pelo menino, Satchan fica desconfiada.

Confirmando suas suspeitas de que algo estranho estava acontecendo, uma voz feminina chamando por Ōtani do lado de fora da casa se faz ouvir. Satchan escuta de dentro do quarto enquanto esta mulher e um homem de meia idade acusam seu marido de roubo. Em seguida, sai do quarto para uma tentativa de apaziguá-los, mas a situação se complica rapidamente quando, tentando escapar pela porta da frente, Ōtani ameaça esfaquear o homem de meia idade. Ōtani foge e os três restantes retornam à casa, onde o homem começa a contar sua história.

O casal, que havia se mudado do campo para Tóquio pouco antes da segunda guerra mundial, havia trabalhado muito e juntado o suficiente para abrir uma loja com um bom estoque de álcool, para que assim, quando houvesse escassez de bebidas em outras lojas eles ainda pudessem se manter funcionando. A guerra entre Japão contra os Estados Unidos e a Inglaterra estourou, mas eles resolvem permanecer na cidade apesar dos riscos. Foi nesta época que Ōtani visitou a loja deles a primeira vez, trazido por uma mulher um pouco mais velha que ele. Daquela noite em diante, ele passou a ser um cliente regular.

Uns dias depois, apareceu de novo com uma nota de cem ienes – uma quantia considerável para a época – e pediu para que o dono do restaurante guardasse o troco para ficar de crédito para futuras bebedeiras. Esta foi, no entanto, a primeira e única vez que ele pagou por seu consumo de bebidas, continuando a beber sempre escapando das cobranças e das contas de um modo ou outro.

Õtani era considerado por muitos um gênio da poesia, além de ser filho de uma família aristocrática, e ao descobrir isso os donos foram segurando suas dívidas na esperança de, um dia, serem pagos afinal.

Com o fim da guerra porém, ele começou a beber mais que de costume, e a ficar mais violento. Parou de comparecer com mulheres, vindo agora sempre acompanhado de editores ou repórteres, e as vezes sem motivo algum começava uma briga de bar. Além disso, engravidou uma jovem que os donos do restaurante haviam contratado como ajudante. Eles pediram para Õtani não voltar mais, ao que este respondeu de modo agressivo, ignorando o pedido destes.

Naquela noite, eles haviam coletado as dívidas dos devedores do restaurante. Õtani, ao ver o maço de notas que a dona do restaurante estava guardando, levanta-se, vai até o quarto dos fundos e simplesmente pega as notas para si, enfiando-as no bolso. Os donos da loja o seguiram até em casa, onde a história começa.

Terminada a história, a senhora Õtani promete tomar conta de tudo, e pede para que eles adiem por um dia a decisão de chamar a polícia.

No dia seguinte, após muito pensar, ela toma o filho no colo e resolve ir para a loja mesmo sem ter nenhum plano de como pagaria o dinheiro roubado. Lá chegando, começa a disparar mentiras sobre como até de noite era certo que viria alguém pagar de volta o dinheiro que havia sido roubado, e até lá, trabalharia na loja como refém.

Chegam os primeiros clientes, e em seguida Õtani entra na loja com uma mulher, que devolve a quantia que havia sido roubada. Ele fica surpreso ao ver a esposa trabalhando ali, mas não diz nada. O dono do restaurante informa Satchan de que o dinheiro roubado foi devolvido mas que não é o suficiente para cobrir todas as dívidas do marido. Ela então se compromete a trabalhar na loja até que a dívida seja paga.

A partir daí a relação dela com o marido melhora, visto que não há mais a pressão financeira que havia antes, e ele passa a retornar com ela para casa mais frequentemente. Trabalhando no restaurante ela se sente bem por ter uma nova ocupação, mas também descobre que não só o marido dela, mas todos possuem seus pecados, alguns até piores que os dele. Uns são ladrões, outros são enganadores, gananciosos, mas cada um carrega seus segredos e suas imperfeições. Ela se apercebe de que, dadas as oportunidades, todos agem em benefício próprio, mesmo que isso signifique prejudicar alguém.

Em uma noite de chuva forte, após voltar para casa debaixo do guarda-chuva de um cliente do restaurante, Satchan é acordada pelo barulho de batidas na porta. Pensando que fosse o marido, vai à porta, mas descobre que era o próprio freguês, que tendo perdido o último trem para casa, pede por abrigo. Na manhã seguinte, ele a estupra e vai embora. Satchan, desiludida do mundo, resolve simplesmente ir para o trabalho junto do seu filho, como se nada tivesse acontecido. Quando chega ao restaurante, encontra seu marido já bebendo e lendo o jornal. Ela lhe comunica que a partir de agora vai dormir na loja. Ōtani concorda sem dar muita atenção e começa a reclamar das críticas feitas a ele no jornal, que o chamam de “monstro”. Satchan responde: “Não há nada de errado em ser um monstro. Contanto que possamos estar vivos, é o bastante”.

3.2 Análise

A conceito de decadência é algo fortemente abordado nas obras dos autores da *Burai-ha*, e *A Mulher de Villon* não é diferente. O conto tenta mostrar como, dada a oportunidade, todos cometemos delitos, menores ou maiores, seja você um nobre, um gênio, um camponês, um proletário, um negociante ou mesmo uma pessoa inocente. Parece transmitir a ideia de que, não só as coisas e pessoas podem ser corrompidas mas, mais do que isso, tudo está *fadado* a se corromper.

A Mulher de Villon traz em si uma ideia que fica mais bem demarcada posteriormente, nas obras mais famosas de Dazai, *Shayō* e *Ningen Shikkaku*, que é a exposição da “fragilidade da moral”.

Em seu *Ensaio sobre a Decadência*, Sakaguchi Ango desenvolve o tema, tentando mostrar como a moralidade ou a ideia da pureza e decência são meras ilusões, e que a verdadeira natureza do mundo e da humanidade são de corrupção e decadência. O conceito dialoga um pouco com o de impermanência, ou seja, a mutabilidade inerente a tudo que existe, amplamente abordado na literatura japonesa, mas difere no sentido de ser um tanto quanto mais pessimista, apontando que as transformações tendem sempre a um declínio, jamais à enlevação.

Vemos a seguir um trecho no qual Sakaguchi Ango fala sobre a impossibilidade de impedir a decadência da humanidade:

... não é possível parar a decadência dos humanos em geral, da pureza do “servo leal” à mediocridade e então à danação. Mesmo que se diga ‘a esposa virtuosa não deve servir a dois maridos’,¹⁵ é impossível prevenir a queda do homem. Mesmo que você esfaqueasse a jovem virgem até a morte e assim tivesse sucesso em preservar sua pureza, [...] deve-se reconhecer que a natureza insignificante das ações humanas, a natureza insignificante da pureza da virgem assim preservada, é nada mais do que uma ilusão, como uma bolha. [...] O Japão havia sido derrotado, e o código dos samurais (*Bushidō*) havia perecido, mas a humanidade renasceu de dentro do ventre da decadência. (SAKAGUCHI, 1986, p. 4 e 5).¹⁶

Aqui, Sakaguchi fala sobre como após a guerra, com a derrota do Japão e a perda dos valores tradicionais, a “humanidade” (não no sentido da raça humana, mas no de essência da natureza humana) renasce do “ventre da decadência”, ou seja, ao abandonar o falso moralismo e adotando a decadência, as pessoas retomam sua humanidade. Isso fica mais claro no trecho:

“Não podemos dizer que o herói Kamikaze era apenas uma ilusão, e que a história humana começa do ponto em que ele volta para casa e entra no mercado negro? Que a viúva como um apóstolo devotado é uma mera ilusão, e a história humana começa no momento em que a imagem de um novo rosto entra em seu peito? E talvez o Imperador também seja apenas uma ilusão, e a verdadeira história do Imperador comece a partir do ponto em que ele se torna um humano comum”¹⁷ (SAKAGUCHI, 1986, p. 5)¹⁸

É preciso fazer um parêntese aqui para destacar que, tanto para Sakaguchi quanto para Dazai, a decadência que ambos defendem não significa a destruição da moral, mas apenas a realização de que a própria natureza moral humana é decadente, e que a maioria das pessoas apenas constrói uma fachada de dignidade e decência. “Nossa única salvação,” diz Sakaguchi

15 Durante o período da Segunda Guerra Mundial, escritores foram proibidos de retratar histórias de viúvas em casos de amor. Isso foi estabelecido por generais para evitar que viúvas de guerra fossem incitadas à “decadência”, pois deveriam permanecer em devoção ao espírito do marido falecido.

16 Tradução do Autor.

17 Aqui Sakaguchi Ango faz referência ao momento em que, na derrota do Japão, o Imperador assina uma carta dizendo que não é descendente dos deuses, mas apenas um humano comum.

18 Tradução nossa.

finalizando seu ensaio, “é nos descobrirmos através de nossa própria decadência.” (SAKAGUCHI, 1986, p.5).

Dazai, em consonância, parece sugerir no conto que, muito mais do que os que se escondem sob uma imagem de elegância e decência, aqueles que abraçam suas próprias imperfeições e limitações são os verdadeiramente puros.

Em *A Mulher de Villon*, acompanhamos o desenvolvimento da personagem de Satchan, uma mulher que personifica inicialmente a ideia da inocência e da pureza, vítima da negligência e alcoolismo do marido, Ōtani, e da vida que isso lhes proporciona. Passa então pela descoberta de uma saída dessa situação para uma de independência financeira, através do trabalho, onde todos os problemas dela parecem se resolver, inclusive o distanciamento do marido. Por fim, a sua transformação numa mulher cética e desiludida e sua independência emocional do marido, tendo agora adquirido a compreensão de que todos com quem se encontra são pecadores, carregando ela própria um novo segredo. Em resumo, o conto trata do processo de decadência (autodescobrimento e “iluminação”) de Satchan.

O conto traz ainda o uso de uma ferramenta não tão incomum nas obras de Dazai, que é a utilização de personagens femininas para narrar a história. A técnica, utilizada primeiramente na Era Heian (794 – 1185) no *Tosa Nikki (Diário de Tosa, 935)*, permite ao autor fazer uma análise do personagem-manifestação de Dazai, Ōtani, através da visão de sua esposa. Isso confere aos sentimentos de culpa do autor, expressos por Ōtani, maior credibilidade do que se fosse utilizado o recurso de um personagem narrador autobiográfico, comum nas obras de *Shishōsetsu*.

Há duas características bem marcadas das personagens femininas em seus trabalhos. Primeira, são maternais, quase sempre cuidando do personagem-manifestação de Dazai, no caso Ōtani, e segunda, a de serem fortes e terem um desejo de lutar pela própria vida e enfrentar a sociedade (em contraponto aos personagens-manifestação de Dazai, quase sempre covardes e paralisados diante da vida, como Ōtani, Yōzō e Naoji). Continuar vivendo não importa os custos. Isso fica claro tanto na frase final do conto, dita por Satchan – “Não há nada errado em ser um monstro. Contanto que possamos estar vivos, é o suficiente.” – quanto no final de *Shayō*, em que vemos a personagem Kazuko fazer seu discurso de liberdade:

Eu abandonei a velha moralidade com uma consciência limpa, e terei como resultado a satisfação de criar um bom menino [...] Vítimas. Vítimas de um período transicional na moralidade. Isto é o que certamente nós dois somos. [...] Mas eu penso que neste primeiro confronto, eu fui capaz de me afastar da velha moralidade, mesmo que pouco. E eu pretendo lutar ainda um segundo e um terceiro confrontos, junto da criança que vai nascer. Dar luz à criança do homem que amo, e criá-la, será a realização de minha revolução moral. (*Shayō, 1947, p.172 e 173*)¹⁹

No caso da fala de Satchan, vemos essa ruptura de modo mais sutil, na passagem de uma esposa subserviente, sempre preocupada com as necessidades do marido e relevando seu alcoolismo e seus crimes, para uma mulher independente. Na narrativa essa independência se dá em dois momentos. O primeiro, quando ela começa a trabalhar no restaurante e descobre sua independência financeira, mas não ainda sua independência emocional/moral do marido. Isto fica claro quando a vemos afirmar, logo após pedir trabalho ao dono do restaurante:

“Todo o sofrimento pelo qual eu passei foi causado por minha própria estupidez. Eu sempre fui um sucesso entretendo os clientes na tenda de meu pai, e certamente eu me tornarei bem habilidosa no restaurante. De fato, eu até já recebi cerca de quinhentos ienes de gorjetas esta noite.”²⁰

Esta independência de Satchan reforça ainda a ideia da quebra com os valores tradicionais japoneses, no qual o homem é responsável pelo sustento, e mostra o trabalho como a ferramenta utilizada pela personagem para quebrar com esse padrão social. Aqui a mulher passa a ser vista como um membro produtivo da sociedade, e não apenas no seu papel “subserviente” ao homem.

Quando ela diz que todo o sofrimento porque passou é culpa dela própria, ela ainda está de certo modo eximindo o marido da culpa e defendendo-o. Por outro lado, o segundo momento de independência de Satchan vem quando, ao voltar para casa numa noite chuvosa acompanhada de um cliente da loja, ela é estuprada pelo mesmo na manhã seguinte. Após esse drástico momento de transformação, ela vai para o restaurante como sempre, e se resolve a agir como se nada

19 Tradução nossa.

20 Tradução nossa.

tivesse acontecido. Ao encontrar o marido já lá bebendo como sempre, vemos o discurso dela em relação ao marido mudar completamente, já nas últimas páginas do conto:

“Você não veio noite passada veio?”

“Eu vim. Acontece que eu não consigo dormir mais sem primeiro ver o rosto da minha querida Satchan. Eu vim pouco depois das dez, mas eles disseram que você tinha acabado de sair.”

“E então?”

“Eu passei a noite aqui mesmo. Estava chovendo forte demais”

“Talvez eu passe a dormir aqui a partir de agora”

“Essa é uma boa ideia, eu suponho”

“Sim, é isso que farei. Não faz sentido continuar alugando a casa para sempre”²¹

Aqui vemos Satchan se levantar com mais vigor. Quando ela diz “Você não veio noite passada, veio?”, há uma sutileza no uso das palavras que sugere que ela culpa o marido por não ter estado perto para protegê-la do estupro. Ela percebe, neste instante, que na verdade jamais pôde contar com o marido, e essa percepção lhe dá a resolução de sair de casa e passar a morar no restaurante. Isto é a forma de Satchan de dizer ao marido “Não faz sentido alugar uma casa para um marido que nunca aparece”. Neste momento ela atinge sua independência emocional e moral, assumindo para si mesma de que não precisa de um marido para cuidar dela. Embora o custo para atingir essa realização tenha sido alto, ela não parece se arrepender. Nas palavras dela “Contanto que possamos continuar vivos, é o suficiente”.

É importante ressaltar que este é um momento crucial na obra. É o ápice da defesa de Dazai à decadência. Todos podem ser corrompidos, até mesmo Satchan. Ao longo do conto inteiro, vemos o processo de decadência de uma personagem que é inicialmente pura, para se tornar maculada. Sua decadência não está no fato de ter sido estuprada e ter perdido sua inocência, mas no fato de após isso ela também se tornar cética em relação ao mundo. Dazai expõe os pecados e segredos de todos ao longo da narrativa, e este é o segredo de Satchan. Esta é sua decadência.

Vemos no seguinte trecho o momento no qual ela confessa já não enxergar mais o mundo com os olhos de antes:

21 Tradução nossa.

Agora, tendo trabalhado dez, vinte dias na loja eu percebo que todos e cada um dos clientes que vêm para beber é um criminoso. Tenho mesmo passado a considerar os crimes de meu marido bastante leves se comparados aos deles. De fato, cada pessoa com que cruzamos pelas ruas esconde algum crime. Uma mulher vestida belamente apareceu na porta da loja vendendo cada garrafa de dois litros de saquê por trezentos ienes. Isso é barato, considerando os preços de hoje em dia, e a madame comprou sem hesitar. Acabou que era saquê misturado com água. Eu pensei que, num mundo em que até mesmo uma moça de aparência tão nobre é forçada a recorrer a tais truques, é impossível para qualquer ser vivo ter uma consciência limpa (KEENE, 1994, p. 412).²²

Aqui, ao mesmo tempo que demonstra ter atingido a compreensão de que todos são impuros (inclusive ela própria), ela parece dar mostras de ter perdoado o marido por seus crimes ou, pelo menos, compreender um pouco mais a natureza destes.

Um momento interessante na obra é quando Satchan leva seu filho ao parque em Kichijōji.

Eu desci em Kichijōji e pela primeira vez em não sei quantos anos eu andei pelo parque. Os ciprestes ao redor do lago haviam sido cortados todos, e o local parecia ser um sítio em construção agora. Era estranhamente nu e frio, de modo algum se assemelhava ao que fora.

Tirei o menino de minhas costas e nos sentamos num banco quebrado próximo ao lago. Eu alimentei o garoto com uma batata-doce que havia trazido de casa. “É um lindo lago não é? Havia muitas carpas e peixes dourados aqui antes, mas não sobrou nenhum. É uma pena não é?”

Eu não sei o que ele pensou. Ele apenas riu estranhamente com a boca cheia de batata-doce. Mesmo que ele seja minha própria criança ele me deu a sensação de ser quase um idiota. (KEENE, 1994, p. 407)²³

Aqui revela-se uma ideia sutil de que apenas os inocentes, as crianças ainda imaculadas, e os idiotas, podem se manter puros frente a corrupção do mundo. O menino, adoentado, débil e frágil, parece representar na obra o único ser verdadeira mente inocente, incapaz de pecar pela falta da consciência de suas ações. Ao mesmo tempo, é também a própria representação da fragilidade humana e da decadência.

22 Tradução nossa.

23 Tradução nossa.

Um momento importante na obra, que exemplifica o momento de transformação da moral e dos costumes pelo qual a sociedade japonesa estava passando naqueles tempos, passa quase despercebido. Ao atender seus primeiros clientes na loja, um dos clientes, surpreso pela nova garçonete, comenta sobre sua beleza, ao que o chefe do restaurante lhe diz para não seduzi-la, pois ela custa muito dinheiro. O outro cliente, brincando grosseiramente diz: “Uma puro-sangue de um milhão de dólares?”. Satchan responde brincando também que mesmo sendo puro-sangue uma fêmea vale apenas a metade. Um outro cliente lhe diz que não fosse modesta pois “De agora em diante no Japão há igualdade entre os sexos, até mesmo para cavalos e cachorros”.

Uma e outra vez mais vemos como os personagens vão desafiando as convenções sociais do Japão antigo. Em todos esses momentos são dadas mostras do conflito que os personagens vivem entre o “falso moralismo” da sociedade e suas próprias inclinações morais. Até mesmo o próprio Ōtani, que num primeiro momento é retratado como um criminoso pelos olhos dos donos do restaurante, é “redimido” quando descobrimos que o casal trabalhava no mercado negro de bebidas e que a dona do restaurante traiu o marido com Ōtani. Se não redimido, pelo menos passamos a vê-lo de modo um pouco menos rigoroso.

Este conto é um perfeito exemplo dos textos da *Burai-ha*. Foi o próprio Dazai que, falando de seu estilo de escrita, o descreve com os caracteres 無頼派 (*Burai-ha, Decadentes*). Os caracteres haviam sido primeiramente utilizados por um imperador chinês que, descrevendo sua juventude dispersa, se considerou mais incompetente e menos dedicado que seus irmãos, mas Dazai deu a estes caracteres a leitura de *Libertins* (KEENE, 1984).

Essa ligação com os libertinos franceses do século XVIII não é um acidente, e não é por acaso que Ōtani diz em uma de suas passagens finais:

Ora vejam só. Eles estão dizendo coisas ruins sobre mim no jornal de novo. Me chamam de um falso aristocrata com inclinações epicúreas. Isso não é verdade. Seria mais correto se referir a mim como um epicureísta assustado por Deus.²⁴

Ao reafirmar-se como um epicureísta, ele dá mostras de seu estilo de vida hedonista, do abuso dos prazeres sexuais e da bebida. O próprio nome do conto reflete essa ligação.

24 Tradução nossa.

François Villon (1431 – 1463) foi um poeta francês que, embora anterior aos libertinos franceses, teve também uma vida de abusos e imoralidade perante os olhos da sociedade. Estudou na Faculdade de Artes de Paris e se formou como Mestre em Artes, mas (eventualmente) se desencanta dos estudos e passa a levar uma vida de aventuras e boemia.

Começa a se envolver em roubos e brigas, tendo inclusive ferido mortalmente um padre, mas sempre escapando da justiça de uma forma ou outra, graças à influência de seu padrasto.

Segundo registros escritos, foi condenado à forca, mas mais uma vez a atuação de seu padrasto o salva, e ele é condenado, em troca, a dez anos de banimento. A partir de então não existem mais registros históricos sobre sua vida. Suas obras tinham grande apelo autobiográfico, e é fácil enxergar a identificação de Dazai (e de Ōtani) com o poeta francês. Por isso, ao chamar o conto de *A Mulher de Villon*, Dazai faz referência não apenas ao caráter de seu personagem, mas também ao próprio.

A Mulher de Villon é uma das obras mais relevantes escritas por Dazai, retratando de modo claro temas que são importantes para compreender o autor, e introduzindo temas como a independência da mulher pelo trabalho, a decadência das famílias aristocráticas no Japão, e a defesa de uma revolução moral, que viriam a ser abordados em suas obras mais famosas, especialmente em *Shayō*. A forma como ele descreve o conflito com os valores, vividos pelos personagens tanto quanto por ele próprio, e a forma como ele descreve a desolação e a desorientação da época, tornam este conto um valioso registro para compreender o clima intelectual e moral da época, e também os processos de transformações sociais pelos quais o Japão passou, e pelos quais iniciou a se tornar o que viria a ser nos tempos modernos.

Na próxima seção, apresento minha tradução do conto.

4. TRADUÇÃO DE ヱィヨンの妻 (VIYON NO TSUMA – *A Mulher de Villon*)

A MULHER DE VILLON

[A Mulher de Villon, 1947] DAZAI OSAMU

Tradução por Gustavo Bessoni

PARTE I

Fui acordada pelo som da porta de entrada se abrindo repentinamente mas, sabendo que só poderia ser meu marido, bêbado feito um gambá, voltando para casa na calada da noite, permaneci deitada e quieta.

Ele ligou a luz no aposento ao lado e, enquanto ofegava pesadamente, começou a remexer nas gavetas da mesa e na caixa de livros procurando por algo. No entanto, passado pouco tempo ouvi um som como se ele tivesse se jogado no tatame e após isso, tudo que pude ouvir foi o som de sua respiração pesada, e imaginando o que ele estava fazendo, falei ainda deitada. “Bem-vindo. Você já jantou? Tem algumas bolinhas de arroz sobrando no armário.”

“Ah, obrigado”, ele respondeu num tom gentil que eu nunca ouvi antes, e perguntou “Como está o garoto? Ainda com febre?”.

Isso também era incomum. Ano que vem o menino fará quatro anos de idade mas, seja por desnutrição, pelo alcoolismo do pai ou por doença, o fato é que ele é menor que a maioria dos garotos de dois anos, e sequer tem firmeza nos pés para andar. Seu vocabulário também é limitado, diz apenas coisas como “gotoso, gotoso!” ou “eca, eca!”, e as vezes eu me pergunto se ele não tem algum retardo mental. Houve até uma certa vez em que, indo ao banho público e segurando-o em meu colo após despi-lo, ele me pareceu tão pequeno e débil que, desolada, acabei por chorar na frente de todos. A criança está sempre tendo problemas de irritação no estômago e ficando febril, mas meu marido nunca está em casa e imagino se ele sequer pensa no garoto. Quando dizia que ele está com febre, meu marido responde “É? Você devia levá-lo ao médico”, e, botando um casaco apressadamente, sai de casa. Mesmo que eu queira levá-lo ao médico, não tenho nenhum dinheiro, e não me resta nada a fazer além de ficar ao seu lado e acariciar sua cabecinha silenciosamente.

Mas esta noite por algum motivo, meu marido perguntou estranhamente gentil, num ato incomum, sobre a febre do pequeno. Eu não fiquei feliz. Pelo contrário, como se tivesse uma premonição terrível, senti calafrios percorrerem minha espinha.

Sem conseguir pensar em nada para responder fiquei apenas quieta, e durante algum tempo tudo que se podia ouvir era a respiração forte de meu marido.

E então, a voz fina de uma mulher veio da entrada da casa.

– Ô de casa!.

Eu estremei como se tivessem jogado água gelada em mim.

– Ô de casa, senhor Ôtani!

Desta vez, o tom de voz foi mais afiado.

Ao mesmo tempo em que abria a porta de entrada, ela falou mais uma vez, com voz claramente irritada:

– Você está em casa, não está, senhor Ôtani!?

Desta vez, meu marido finalmente foi à porta de entrada. “O que foi?!”, ele perguntou num tom de voz estúpido e hesitante.

– Você sabe muito bem o que foi – ela respondeu abaixando a voz.

– Mesmo tendo uma casa bonita como essa, você inventa de roubar os outros, o que foi que te deu na cabeça?! Pare de brincadeiras maldosas e devolva, senão, eu irei à polícia delatar você!

– Do que você está falando? Eu não vou aceitar essa difamação! Vocês não têm nada pra fazer aqui, voltem pra casa! Do contrário serei eu quem chamará a polícia!

Neste momento, uma voz de homem se fez ouvir.

– Você tem muita coragem, senhor Ôtani. Nós não temos nada pra fazer aqui? Você me espanta. Isso é diferente das outras vezes. Roubar dinheiro da casa dos outros... até brincadeiras têm limites! Só Deus sabe tudo que eu e minha esposa sofremos nos últimos tempos por sua conta. Mas mesmo assim, descer ao ponto de fazer uma coisa vergonhosa como a que você fez esta noite? Eu te julguei mal, senhor Ôtani.

– Isso é chantagem... – meu marido respondeu numa voz raivosa e tremida.

– Isso é extorsão! Vão embora! Se vocês têm alguma reclamação, eu escutarei amanhã.

– Você me enoja, senhor Ôtani... você é realmente um *canalha*. Eu não tenho outra opção a não ser chamar a polícia.

Em sua voz havia um ódio tão profundo que só de ouvi-lo toda a pele do meu corpo se arrepiou.

– Faça como queira! – disse meu marido, mas sua voz soou fraca e vazia.

Eu me levantei, coloquei um casaco por cima do pijama e indo até a entrada me curvei levemente, cumprimentando os visitantes.

Bem-vindos.

– Essa é sua esposa?

O homem usava um casaco na altura dos joelhos, tinha uma cara redonda e aparentava ter cinquenta e poucos anos. Sem nenhum resquício de sorriso no rosto virou-se para mim e me cumprimentou acenando com a cabeça.

A mulher era pequena e magra, em seus quarenta anos, e estava vestida com asseio.

– Nos desculpe por vir assim no meio da noite – disse a mulher relaxando seu xale e, também sem sorrir, retornou meu cumprimento se curvando levemente.

Neste momento, meu marido repentinamente colocou as sandálias e se esgueirou em direção da saída. O homem segurou seu braço e eles se debateram por um momento.

– Me solte ou eu vou esfaquear você! – meu marido gritou, um canivete brilhando em sua mão direita.

O canivete era um objeto de estimação de meu marido, e me lembrei de que ele o guardava na gaveta de sua escrivaninha. Quando ele chegou em casa, provavelmente prevendo que teria problemas, procurou o canivete nas gavetas e escondeu-o no bolso interno de sua roupa, estou certa disso.

O homem recuou, assustado. Aproveitando a abertura, meu marido, agitando as mangas do casaco como se fosse um grande corvo, saiu em disparada para fora.

– LADRÃO! – O homem gritou enquanto se lançava ao encalço de meu marido, mas eu corri ao portão, pés descalços, e me interpus segurando-o.

– Por favor, pare, antes que um dos dois se machuque! Eu assumirei a responsabilidade por tudo.

– Ela está certa – disse a mulher. – É perigoso demais. É um louco com uma faca, nunca se sabe o que ele pode acabar fazendo.

– Merda! É a polícia desta vez! Eu não vou mais tolerar isso – O homem ficou encarando a escuridão da noite no lado de fora, murmurando como se para si mesmo, mas as forças pareciam ter lhe abandonado.

– Por favor, entrem e me contem o que houve – eu disse enquanto retornava para dentro.

– Pode ser que seja algo que eu possa resolver. Vamos, por favor, entrem. Peço desculpas pela sujeira.

O casal trocou olhares e acenaram um para o outro com a cabeça. O homem então relaxando a expressão de seu rosto:

– Eu creio que não importa o que a senhora possa dizer, nós já estamos decididos. Entretanto, que, pelo menos, deixemos explicado à senhora, senhora Ōtani, tudo o que se passou até aqui...

– Por favor, faça-o. Entrem, e me contem sem pressa.

– Temo que não possamos nos estender muito tempo – Disse o homem removendo seu casaco.

– Por favor permaneça com seu casaco, está muito frio, não se preocupe, entre assim mesmo. Nós não temos nenhum aquecimento em casa, então...

– Bem, então, com suas desculpas...

– A vontade. A senhora também por favor.

O homem e a mulher então entraram nos aposentos de meu marido. Por um instante eles pareceram perder o ar ao ver o estado de desolação do aposento: os tatâmis como se estivessem apodrecendo, as portas de papel rasgadas a rodo, a parede caindo, o papel da porta deslizando da despensa descascando, no canto do quarto uma mesa e uma caixa de livros que estava, ainda por cima, vazia.

Eu lhes ofereci um par de almofadas rasgadas cujo estofamento estava saindo um pouco.

– Por favor, sentem-se nas almofadas, o chão está tão sujo – Eu lhes disse, e então mais uma vez iniciando um pedido de desculpas.

– Esta é a primeira vez que nos encontramos. Eu devo me desculpar por todos os problemas que meu marido vem lhes causando, e ainda mais pelo terrível comportamento que ele exibiu hoje a noite, por qualquer razão que o fosse. Ele tem uma disposição tão peculiar...

As palavras se engasgaram em minha garganta e eu comecei a chorar convulsivamente.

– Por favor perdoe minha indelicadeza, mas a senhora tem quantos anos? – Perguntou o senhor inclinando-se para mim, pernas cruzadas sobre a almofada rasgada, cotovelos nos joelhos e queixo apoiado nos pulsos.

– Desculpe, eu?

– Sim. Se não me falha a memória, seu marido tem 30 anos não é?

– Bem, sim... eu tenho quatro anos a menos que ele.

– Então, 26... Apenas isso? Bom, suponho que seja natural, considerando que seu marido tem apenas 30, mas ainda assim, estou surpreso.

Eu também, estive imaginando – disse a mulher se pronunciando por detrás das costas de seu marido – por que, mesmo tendo uma esposa tão esplêndida, o senhor Ôtani se comporta daquela maneira.

– Ele está doente, isso sim. Ele não costumava ser desse jeito, mas ele continua piorando.

O homem suspirou profundamente, e continuou:

– Senhora Ôtani, minha esposa e eu somos donos de um pequeno restaurante perto da estação de Nakano. Nós dois originalmente viemos do campo, mas eventualmente eu me cansei de lidar com fazendeiros mesquinhos e vim para Tóquio com minha esposa. Depois das quebras e dificuldades de sempre, conseguimos juntar algum dinheiro e, por volta de 1936, abrimos um pequeno restaurante, servindo clientes que pudessem pelo menos pagar um ou dois ienes por um pouco de entretenimento. Não gastando dinheiro com nenhum luxo, e trabalhando feito escravos, nós conseguimos juntar um belo estoque de uísque e gim. Quando bebidas alcoólicas ficavam escassas e outros estabelecimentos de bebidas iam à falência, nós ainda conseguíamos ficar de pé.

– A guerra contra EUA e Inglaterra estourou, mas mesmo após os bombardeios ficarem bem pesados, nós não quisemos ser evacuados para o campo, não tendo nenhuma criança com que nos preocupar. Nós pensamos em continuar os negócios até que tudo fosse queimado. Seu marido começou a frequentar nosso restaurante na primavera de 1944, se bem me lembro. Nós ainda não estávamos perdendo a guerra, ou se estávamos nós não sabíamos a que pé as coisas

realmente andavam, e pensávamos que se pudéssemos pelo menos aguentar mais dois ou três anos, poderíamos de algum modo conseguir paz em termos de igualdade. Quando o seu marido veio a nossa loja pela primeira vez ele não estava sozinho. É embaraçoso que eu lhe conte isso mas já que comecei, é bom que eu conte toda a história, sem guardar nada da senhora. O seu marido entrou escondido pela porta dos fundos com uma mulher mais velha. Eu esqueci de dizer que à época a porta da frente estava trancada e apenas alguns regulares entravam, pelos fundos.

– Essa mulher mais velha morava na vizinhança, e quando o bar em que ela trabalhava fechou e ela perdeu o emprego, ela passou a frequentar nosso estabelecimento com seus amigos homens. Por isso não ficamos particularmente surpresos quando seu marido entrou na loja junto desta mulher, cujo nome era senhorita Aki. Então, eu os levei ao aposento dos fundos e servi algum gim. O senhor Ōtani bebeu seu álcool quietamente aquela noite, a senhorita Aki pagou a conta e os dois saíram pela porta por onde entraram. É curioso, mas eu não consigo me esquecer do quão estranhamente gentil e refinado ele me pareceu aquela noite. Me pergunto se a primeira vez que o diabo aparece na casa de alguém ele age de maneira tão solitária e melancólica.

– Daquela noite em diante ele se tornou um cliente frequente. Dez dias depois ele veio sozinho e do nada tirou uma nota de cem ienes. Naquela época cem ienes era muito dinheiro, mais que dois ou três mil ienes hoje em dia. Ele pressionou o dinheiro na palma de minha mão e não aceitava não como resposta. ‘Tome conta pra mim por favor’, ele disse, sorrindo timidamente. Aquela noite ele aparentava já ter bebido bastante antes de vir, e na minha loja ele tomou dez copos de gim tão rápido quanto eu podia os servir. Neste meio tempo quase nenhuma palavra foi trocada. Minha esposa e eu tentamos iniciar uma conversa, mas ele apenas sorria com a cara um pouco envergonhada e acenava vagamente. De repente ele perguntou as horas e se levantou. ‘Mas e o troco?’ eu perguntei. ‘Está tudo bem’, ele disse. ‘Eu não sei o que fazer com isso’. Eu insisti. Ele respondeu com um sorriso sarcástico, ‘Por favor guarde para até a próxima vez. Eu voltarei’. Ele saiu. Senhora Ōtani, esta foi a primeira e última vez que eu recebi qualquer dinheiro dele. Desde então ele sempre nos escapou, com uma desculpa ou outra, e por três anos ele conseguiu beber nosso licor todo praticamente sozinho sem pagar nada.

Antes que eu pudesse me segurar eu caí na gargalhada. Tudo aquilo parecia muito engraçado para mim, embora eu não pudesse explicar o porquê. Eu cobri minha boca, confusa, mas quando eu olhei para a esposa dele ela também estava rindo descontroladamente, e então o marido não teve como se conter e riu também.

– Não, certamente isso não é um assunto para risos, mas eu estou tão cansado disso tudo que também sinto vontade de rir. Sinceramente, se ele usasse suas habilidades em uma outra direção, ele poderia facilmente se tornar ministro em algum gabinete ou um Ph.D. ou qualquer coisa que ele quisesse. Quando a senhorita Aki ainda era amiga do senhor Ōtani ela costumava se gabar dele o tempo todo. Primeiramente, ela dizia, ele era de uma família fabulosa. Ele era o irmão mais novo do Barão Ōtani. É verdade que ele havia perdido seu direito à herança por sua

conduta, mas quando seu pai, o barão de então, morreu, ele e seu irmão mais velho dividiriam o estado. Ele era brilhante. Um gênio, de fato. Apesar de sua idade, ele era o maior poeta do Japão. Ainda mais, ele era um grande acadêmico, e um perfeito diabo em francês e alemão. Ouvindo a senhorita Aki falar, era fácil acreditar que ele fosse até um deus, e o que é mais engraçado, é que ela não havia inventado aquelas coisas. Outras pessoas também diziam que ele era o filho de um Barão, e um poeta famoso. Até mesmo minha esposa, que já é mais velha, era tão entusiasmada com ele quanto a senhorita Aki. Ela costumava me falar sobre a diferença que fazia uma pessoa ser bem-criada. E o jeito que ela esperava ele visitar nossa loja era insuportável. Dizem que os dias da nobreza acabaram, mas até a guerra acabar eu lhe garanto que ninguém se dava tão bem com as mulheres quanto aquele deserdado filho da aristocracia. É incrível como elas caíam por ele. Eu suponho que era o que as pessoas chamam hoje em dia de ‘mentalidade de escravo’.

– Quanto a mim, eu sou um homem. E um bem tranquilo, por sinal, e eu não acho que um barãozinho qualquer – perdoe minha linguagem – da pequena nobreza rural, que é só um irmão mais novo ainda por cima, seja tão diferente de mim. Eu jamais fiquei tão exaltado por causa dele, como os outros, daquela forma absurda. Ainda assim, o jovem rapaz era meu ponto fraco. Não importa o quão firmemente eu me resolvesse a não lhe dar mais álcool na próxima vez que viesse, sempre que ele aparecia de repente numa hora inesperada, parecendo que estava sendo caçado, e vendo como ele ficava aliviado por finalmente chegar à nossa loja, minha resolução se enfraquecia e eu lhe servia o gim. Mesmo quando estava bêbado, ele nunca chegou a ser um bêbado um incômodo, e se ele ao menos nos pagasse, ele teria sido um cliente perfeito. Ele nunca fazia propaganda de si mesmo e não tomava nenhum orgulho em ser um gênio ou coisa do tipo. Mesmo quando a senhorita Aki ou outra pessoa sentava ao seu lado falando sobre sua grandiosidade, ele mudava o assunto completamente ou dizia ‘quero algum dinheiro para pagar a conta’ jogando um pano molhado em cima da coisa toda.

– A guerra finalmente acabou. Nós passamos a fazer negócios no mercado negro de bebidas alcoólicas e colocamos novas cortinas na entrada da loja. Em todos os aspectos, nosso empreendimento parecia bastante vivo, e nós contratamos uma jovem moça para dar um charme à loja. E então, quem apareceria novamente senão aquele maldito senhor. Ele não mais trazia mulheres consigo, apenas vinha com dois ou três escritores de jornais e revistas. Ele passou a beber bem mais do que antes, e costumava ficar bastante selvagem. Ele começou a fazer piadas extremamente vulgares, coisa que nunca havia feito, e algumas vezes, sem nenhuma boa razão, batia em um dos repórteres que ele trazia, ou começava uma briga de punhos com alguém. O que é pior, ele seduziu a jovem de vinte anos que havíamos contratado. Nós ficamos chocados, mas não podíamos fazer mais nada àquela altura, então nós deixamos o assunto como estava. Nós aconselhamos a jovem moça a se resignar a cuidar da criança, e a mandamos de volta para a casa dos pais, evitando escândalos. Eu implorei ao senhor Ôtani que ele não voltasse mais, mas ele respondeu de maneira ameaçadora, ‘pessoas que fazem dinheiro no mercado negro não tem nada que ficar criticando os outros. Eu sei tudo sobre você’. No dia seguinte, ele apareceu como se nada tivesse acontecido.

– Talvez fosse como forma de punição por nossos negócios no mercado negro que tínhamos que aguentar aquele monstro. Mas o que ele fez hoje a noite não pode ser perdoado simplesmente por que ele é um poeta famoso ou um nobre. Foi pura e simplesmente um roubo! Ele roubou cinco mil ienes de nós. Hoje em dia todo nosso dinheiro vai para o estoque, e é muita sorte se algum dia nós temos sequer quinhentos ou mil ienes na loja. O motivo pelo qual tínhamos tanto dinheiro hoje foi porque fiz uma coleta de fim de ano entre todos os clientes devedores e consegui juntar essa quantia. Se eu não pagar o dinheiro que devo para os atacadistas logo, nós não poderemos continuar com os negócios. Isso é o tanto que significa para nós. Bem, minha esposa estava repassando as contas no aposento dos fundos, e colocou o dinheiro em uma gaveta no armário. O senhor Ōtani estava bebendo sozinho numa mesa na entrada da loja, mas deve ter percebido o que ela estava fazendo. De repente ele se levantou, foi direto ao quarto dos fundos e, sem uma palavra, empurrou minha esposa e abriu a gaveta. Ele pegou as notas e as enfiou no bolso.

– Nós corremos para o salão, ainda estupefatos, e então para a rua. Eu gritei para que ele parasse, e nós dois corremos atrás dele. Por um minuto eu fiquei com vontade de gritar ‘Ladrão!’ e fazer as pessoas na rua se juntarem a nós mas, afinal, ele é um velho conhecido nosso, e eu não poderia ser tão duro com ele. Tomei a decisão de que não o tiraria de minhas vistas. O perseguiria aonde quer que ele fosse, e quando visse que ele se acalmou, pediria calmamente pelo dinheiro. Nós somos apenas pessoas de um negócio pequeno, e quando finalmente alcançamos ele aqui, não tivemos escolha senão suprimir nossos sentimentos e pedir que devolvesse o dinheiro polidamente. E então o que acontece? Ele pega um canivete e ameaça me esfaquear! Mas que jeito de se comportar!

Novamente aquilo tudo pareceu tão engraçado para mim, por razões que me fogem, que eu explodi em risadas. A senhora ficou vermelha, e sorriu um pouco. Mesmo sabendo que aquilo teria uma impressão ruim para o proprietário, eu não conseguia me controlar e ri até lágrimas caírem. Eu imaginei naquele momento se a frase “a grande risada no fim do mundo”, que aparece em um dos poemas de meu marido, não queria dizer algo como aquilo.

PARTE II

E ainda assim, não era um assunto que poderia ser resolvido apenas dando risadas. Eu pensei por um minuto e disse:

– De um jeito ou de outro eu farei as coisas ficarem certas, se vocês, pelo menos, puderem me dar mais um dia antes de delatar meu marido à polícia. Eu vou encontrá-los amanhã sem falta.

Eu perguntei cuidadosamente onde era o restaurante, e implorei o consentimento deles. Eles concordaram em deixar as coisas como estavam por enquanto, e partiram. Então, eu me sentei sozinha no meio do quarto frio, tentando pensar em um plano. Nada me veio à cabeça. Eu me

levantei, tirei minha manta, e me aninhei em meio às cobertas onde meu filho estava dormindo. Enquanto acariciava sua cabeça, pensei em como seria maravilhoso se a noite nunca, nunca acabasse.

Meu pai costumava cuidar de uma barraca num parque em Asakusa. Minha mãe morreu quando eu era jovem, e meu pai e eu vivíamos sozinhos num cortiço. Nós cuidávamos juntos da barraca. Meu marido costumava aparecer de vez em quando, e em pouco tempo passamos a nos encontrar em outros lugares, sem que meu pai soubesse. Quando eu engravidei, eu o convenci de que me tratasse como sua esposa, embora nada fosse registrado oficialmente, claro. Agora o bebê estava crescendo sem pai, enquanto meu marido passa fora três, quatro noites seguidas, as vezes até um mês. Eu não sei onde ele vai, ou o que faz. Quando ele volta, está sempre bêbado. E ele senta lá, mortalmente pálido, respirando pesadamente e encarando meu rosto. As vezes ele chora, e as lágrimas correm em profusão por seu rosto, ou sem nenhum aviso, ele se arrasta até minha cama e me segura forte, suplicando, “Meu Deus, eu não posso continuar. Eu estou com medo. Eu estou com medo. Me ajude!”

As vezes ele treme sem parar, e mesmo depois de dormir ele continua falando delirantemente e gemendo. Na manhã seguinte, ele fica de mente ausente e olhos vazios, como um homem cuja alma foi tirada de seu corpo. E então ele desaparece e não retorna por mais três ou quatro noites. Um ou dois amigos publicadores do meu marido têm cuidado de mim e do garoto por algum tempo, e eles trazem dinheiro de vez em quando, apenas o suficiente para não morrermos de fome.

Eu cochilei, e antes que pudesse perceber a luz da manhã já estava entrando por entre as rachaduras nas persianas. Eu me levantei, me vesti, amarrei o menino às minhas costas e fui para fora. Senti como se não fosse aguentar ficar mais um segundo sequer dentro da casa silenciosa.

Comecei a vagar sem destino certo, e me encontrei andando em direção à estação. Comprei um pão em uma tenda na rua, e dei-o ao menino. Em um impulso repentino eu comprei um tíquete para Kichijōji e subi no bonde elétrico. Enquanto estava em pé, me segurando a uma alça, eu notei um pôster com o nome de meu marido nele. Era uma propaganda de uma revista na qual ele havia publicado uma história chamada “François Villon”. Enquanto eu encarava o título “François Villon”, e o nome de meu marido, lágrimas dolorosas brotaram de meus olhos, não sei dizer porquê, e a imagem do pôster ficou embaçada e não pude mais vê-lo.

Eu desci em Kichijōji e pela primeira vez em não sei quantos anos eu andei pelo parque. Os ciprestes ao redor do lago haviam sido cortados todos, e o local parecia ser um sítio em construção agora. Era estranhamente nu e frio, de modo algum se assemelhava ao que fora.

Tirei o menino de minhas costas e nos sentamos num banco quebrado próximo ao lago. Eu alimentei o garoto com uma batata-doce que havia trazido de casa.

– É um lindo lago não é? Havia muitas carpas e peixes dourados aqui antes, mas não sobrou nenhum. É uma pena não é?

Eu não sei o que ele pensou. Ele apenas riu estranhamente com a boca cheia de batata-doce. Mesmo que ele seja minha própria criança ele me deu a sensação de ser quase um idiota.

Eu não podia resolver nada sentada lá no banco, então eu coloquei o garoto nas minhas costas e retornei lentamente para a estação. Eu comprei uma passagem para Nakano. Sem pensamentos ou planos, eu embarquei no bonde como se tivesse sido sugada por um terrível redemoinho. Eu desci em Nakano, e segui as indicações até o restaurante.

A porta da frente não se abria. Eu fui até os fundos e entrei pela porta da cozinha. O dono estava fora, e a mulher limpava a loja sozinha. Assim que a vi, comecei a soltar mentiras de que não me julgava capaz.

– Parece que eu poderei pagar cada centavo do dinheiro devido até amanhã a noite, se não hoje mesmo. Não há motivos para vocês se preocuparem.

– Isso é maravilhoso! MUITÍSSIMO obrigada.

Ela parecia quase feliz, mas ainda restava em seu rosto uma sombra de inquietude, como se ainda não estivesse completamente satisfeita.

– É verdade, alguém trará o dinheiro aqui sem falta. Até que ele chegue, eu devo ficar aqui como sua refém. Essa garantia é suficiente para você? Até que o dinheiro chegue, eu ficarei feliz em auxiliar você aqui na loja.

Eu tirei o garoto de minhas costas e deixei-o brincando sozinho. Ele está acostumado a ficar brincando sozinho e não atrapalha nem um pouco. Talvez por ser estúpido, ele não tem medo de estranhos, e sorriu alegremente para a madame. Enquanto eu estava longe buscando os bens racionados para ela, ela deu algumas latas americanas vazias para que o menino brincasse, e quando eu voltei ele estava num canto do aposento, batendo as latas e rolando-as no chão.

Por volta do meio-dia, o chefe voltou de onde estava fazendo propaganda. Assim que o vi, comecei a soltar as mesmas mentiras que havia dito anteriormente para a madame. Ele pareceu desconfiado.

– Isso é verdade? De todo modo, senhora Ôtani, não se pode ter certezas com dinheiro até que ele esteja na sua mão – Ele falou num tom surpreendentemente calmo, quase explanatório.

– Mas é a verdade. Por favor, tenha confiança em mim e espere apenas por mais um dia antes de tornar tudo público. No meio tempo, eu ajudarei no restaurante.

– Se o dinheiro for devolvido, isso é tudo que eu peço – o chefe disse, quase para si mesmo.
– Faltam ainda cinco ou seis dias para o fim do ano não é mesmo?

– Sim, então, veja só, eu quero dizer... Ah, chegaram clientes. Bem-vindos! – Eu sorri aos três clientes (pareciam ser trabalhadores) que entraram na loja, e sussurrei para a senhora – Por favor, me dê um avental.

Um dos clientes chamou:

- Ei, vocês contrataram uma belezinha. Ela é fantástica!
- Não vá seduzir essa – disse o chefe, em um tom que não era totalmente de brincadeira – ela custa muito dinheiro.
- Uma puro-sangue de um milhão de dólares? – brincou outro cliente grosseiramente.
- Dizem que mesmo entre puros-sangues a fêmea custa apenas a metade – eu respondi do mesmo jeito grosseiro, enquanto colocava o saquê para aquecer.
- Não seja modesta! De agora em diante no Japão há igualdade entre os sexos, até mesmo para cavalos e cachorros – o cliente mais jovem berrou.
- Minha querida, estou apaixonado. É amor a primeira vista. Mas, é o seu filho que está ali?
- Não – disse a madame, carregando o menino do aposento dos fundos em seus braços.
- Nós pegamos esse menino com nossos parentes. Finalmente teremos um herdeiro.
- O que vocês vão deixar pra ele além do seu dinheiro – um cliente provocou.

O chefe, com uma expressão sombria, resmungou:

- Uma traição e dívidas...

Então, mudando seu tom, acrescentou:

- O que vocês vão querer? Que tal uma mistura de grelhados?

Era véspera de natal. Deve ser por isso que havia um fluxo bom de clientes. Eu mal havia comido desde de manhã, mas eu estava tão preocupada que me recusei mesmo quando a madame me disse para comer algo. Eu apenas passava rapidamente por entre os clientes, tão leve quanto uma bailarina. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas o restaurante parecia excepcionalmente movimentado aquela noite, e vários clientes tentaram me perguntar por meu nome ou apertar minha mão.

Eu não fazia a menor ideia de como aquilo acabaria. Eu continuei sorrindo e respondendo às piadas sujas dos clientes com piadas ainda mais sujas, pulando de um em um, servindo as bebidas, e em pouco tempo, comecei até a pensar como seria bom se eu simplesmente derretesse e escorresse como um sorvete.

Parece-me que milagres as vezes realmente acontecem neste mundo. Pouco depois das nove um homem entrou, usando um chapéu de natal de papel de três pontas e uma máscara preta que cobria a parte superior de sua face. Ele foi seguido de uma mulher atraente e magra que parecia ter entre trinta e quatro ou trinta e cinco anos de idade. O homem sentou-se no canto, com as costas viradas para mim, mas assim que ele entrou eu sabia quem era. Meu marido ladrão.

Ele sentou-se lá sem parecer me dar atenção. Eu também fingi que não o reconhecia, e continuei brincando com os outros clientes. A mulher sentou-se ao lado oposto ao dele e me chamou à mesa.

– Bem-vindos! Vão querer um pouco de saquê?

Meu marido me encarou por debaixo da máscara, como se ele estivesse surpreso, e lhe dando tapinhas delicados no ombro, perguntei:

– Você não vai me desejar feliz natal? O que me diz? Você tem cara de quem ainda consegue beber mais uns dois litros.

Ignorando meus comentários e deixando o semblante mais sério, a mulher disse:

– Senhorita, me desculpe mas, tenho negócios a tratar com o proprietário. Você poderia chamá-lo para mim?

Fui ao fundo onde o chefe estava fritando algumas coisas.

– O Ōtani chegou. Por favor, encontre-se com ele. Mas por favor não fale nada de mim para a moça com quem ele está junto. Não desejo constranger o meu marido.

– Se é assim que você deseja, eu farei como você me pede – ele consentiu facilmente e foi para o salão.

Após uma rápida olhada pelo restaurante, ele foi direto na direção da mesa em que meu marido estava. Após trocar duas ou três palavras com a bela mulher, os três se levantaram e saíram da loja.

Estava tudo encerrado. Tudo havia se resolvido. Por algum motivo esse tempo todo eu acreditava que tudo daria certo, e eu me sentia muito feliz.

Agarrando pelos pulsos um jovem de dezoito anos, que vestia um kimono azul-escuro, exclamei:

– Vamos beber, vamos beber! Afinal, é Natal!

PARTE III

Apenas trinta minutos, não, até mais rápido, rápido o suficiente para que eu pensasse “Nossa!”, esse foi o pouco que demorou para que o gerente voltasse sozinho e viesse até mim.

– Senhora Ōtani, muito obrigado. O dinheiro foi devolvido.

– Que bom! Todo o dinheiro?

O gerente sorriu desconcertado

– Sim, a parte de ontem, ele devolveu

– Quanto ele ainda lhe deve no total? Por baixo?

– Vinte mil ienes

– Apenas isso está bom?

– Por baixo né, ainda estaria saindo no prejuízo

– Eu vou pagar. Senhor, a partir de amanhã, você não me deixaria trabalhar aqui? O que acha? Assim, lhe pagarei em trabalho

– O que? Senhora Ōtani, mas que ideia!

Nós dois rimos ao mesmo tempo.

Nesta noite, eu saí da loja em Nakano depois das dez, levando o garoto nas costas de volta para casa. Como esperado, meu marido não havia voltado ainda, mas eu não me importei. Amanhã quando eu voltar ao restaurante pode ser que eu o veja de novo, até onde sei. Por que um plano tão bom como esse nunca me ocorreu antes? Todo o sofrimento pelo qual eu passei foi causado por minha própria estupidez. Eu sempre fui um sucesso entretendo os clientes na tenda do meu pai, e certamente eu me tornarei bem habilidosa no restaurante. De fato, eu até recebi cerca de quinhentos ienes de gorjetas aquela noite.

Do dia seguinte em diante minha vida mudou completamente. Me tornei mais despreocupada e alegre. A primeira coisa que fiz foi ir ao salão de beleza e fazer uma permanente. Eu comprei cosméticos e remendei meus vestidos. Eu me sentia como se as preocupações que pesaram tanto em mim tivessem sido completamente apagadas.

De manhã eu acordo e tomo o café da manhã com o garoto. Então eu coloco-o nas minhas costas e saio para o trabalho. As vésperas de ano novo e o ano novo são os dias mais movimentados da temporada no restaurante, e eu, que passei a ser chamada de Satchan na loja, estive tão ocupada que meus olhos chegam a rodar. Meu marido vem para beber a cada um ou dois dias. Ele deixa a conta para eu pagar e então desaparece de novo. Frequentemente ele passa tarde da noite na loja e pergunta se eu não vou para casa, então nós voltamos juntos, agradavelmente.

– Por que eu não fiz isso desde o começo? Sou muito mais feliz agora.

– Mulheres não sabem nada sobre felicidade ou infelicidade.

– É mesmo? E quanto aos homens?

– Os homens só tem infelicidades. Eles sempre estão lutando ou com medo.

– Eu não entendo. Eu só sei que eu desejo que esta vida pudesse continuar para sempre. O chefe e a madame são pessoas tão boas.

– Eles são imbecis, isso sim. Gente do campo. E ainda por cima gananciosos. Eles me fazem beber porque pensam que assim ganharão algum dinheiro no final.

– Este é o negócio deles, é óbvio que fazem isso. Mas essa não é toda a história é? Você teve um caso com a madame não teve?

– Há muito tempo. O velho parece saber?

– Eu tenho certeza que sim. Uma vez ouvi-o dizer com um suspiro que tudo que você trouxe foram dívidas e um caso de amor.

– Eu devo lhe parecer uma pessoa terrível, mas o fato é que eu quero tanto morrer que não suporto. Desde que eu nasci eu tenho pensado apenas em morrer. E mesmo para as pessoas ao

meu redor, estou certo de que isso seria o melhor. Ainda assim, parece que eu não consigo morrer. Há algo estranho e assustador como Deus, que não me deixa morrer.

– Isto é por que você ainda tem muito trabalho a fazer.

– Meus trabalhos não significam nada. Eu não escrevo nem obras-primas, nem fiascos. Se as pessoas dizem algo bom, se torna bom. Se dizem que é ruim, se torna ruim. Mas o que me assusta realmente é que, em algum lugar deste mundo, Deus existe. Existe, não é?

– O que?

– Existe, não é?

– Eu não faço ideia.

– Sim...

Agora, tendo trabalhado dez, vinte dias na loja eu percebo que todos e cada um dos clientes que vêm para beber é um criminoso. Tenho mesmo passado a considerar os crimes de meu marido bastante leves se comparados aos deles. De fato, cada pessoa com que cruzamos pelas ruas esconde algum crime. Uma mulher vestida belamente apareceu na porta da loja vendendo cada garrafa de dois litros de saquê por trezentos ienes. Isso é barato, considerando os preços de hoje em dia, e a madame comprou sem hesitar. Acabou que era saquê misturado com água. Eu pensei que, num mundo em que até mesmo uma moça de aparência tão nobre é forçada a recorrer a tais truques, é impossível para qualquer ser vivo ter uma consciência limpa.

Deus, se você existe apareça para mim!

Perto do final da temporada de Ano Novo eu fui estuprada por um cliente. Estava chovendo aquela noite, e não parecia que meu marido viria para a loja. Eu me preparei para sair, embora ainda houvesse um cliente. Eu peguei o garoto, que estava dormindo num canto do quarto dos fundos, e o coloquei nas costas.

– Eu vou precisar do guarda-chuva emprestado novamente – eu disse para a madame.

– Eu tenho um guarda-chuva. Eu te acompanho até em casa – disse o último cliente, se levantando como se estivesse falando sério. Ele era um homem pequeno e magro, de uns vinte e cinco, seis anos, e parecia ser um trabalhador de fábrica. Era a primeira vez que ele havia vindo ao restaurante desde que eu começara a trabalhar lá.

– É muita gentileza, mas eu estou acostumada a caminhar sozinha.

– Você mora longe, eu sei. Eu sou da mesma vizinhança. Eu levo você de volta. A conta por favor!

Ele tinha bebido apenas três copos e não parecia particularmente bêbado.

Nós embarcamos no bonde elétrico e descemos na minha parada. Então caminhamos sob a chuva que caía, debaixo do mesmo guarda-chuva, pelas ruas negras de piche. O homem jovem, que até agora não tinha dito uma palavra, começou a falar de modo alegre.

– Eu sei tudo sobre você. Veja, eu sou um fã do senhor Ōtani e eu escrevo poesia também. Eu esperava poder mostrar um pouco do meu trabalho para ele, mas ele é um pouco intimidante. Nós alcançamos minha casa.

– Muito obrigada – eu disse. – Nos vemos novamente na loja.

– Adeus – disse o homem jovem, saindo sob a chuva.

Eu fui acordada no meio da noite pelo barulho do portão da frente se abrindo. Eu pensei que fosse meu marido retornando, bêbado como sempre, então eu apenas fiquei deitada lá sem dizer nada.

Uma voz de homem chamou – Senhora Ōtani, desculpe por incomodar.

Eu me levantei, liguei as luzes, e fui à entrada da casa. O jovem homem estava lá, cambaleando tanto que mal podia se manter de pé.

– Desculpe, senhora Ōtani. No caminho de volta eu parei para beber um pouco mais e, para lhe dizer a verdade, eu vivo no outro lado da cidade, e quando fui para a estação o último bonde já havia partido. Senhora Ōtani, você poderia por favor me deixar passar a noite aqui? Eu não preciso de cobertores nem nada, eu ficaria feliz de dormir aqui mesmo, na entrada da casa, até o horário do primeiro bonde de amanhã de manhã. Se não estivesse chovendo tanto eu dormiria do lado de fora em algum lugar da vizinhança, mas é impossível com essa chuva. Por favor, deixe-me ficar.

– Meu marido não está em casa, mas se a porta de entrada lhe é suficiente, fique à vontade.

Eu peguei as duas almofadas rasgadas e dei-as para ele.

– Muito obrigado. Nossa, como eu bebi – ele disse com um grunhido. Ele se deitou daquele jeito mesmo no salão de entrada, e nos segundos que levei para chegar ao meu quarto e deitar na cama já podia ouvir seus roncos.

Na manhã seguinte à primeira luz do dia ele me tomou sem cerimônias.

Naquele dia eu fui ao restaurante como sempre junto com o garoto, agindo como se nada tivesse acontecido. Meu marido estava sentado a uma mesa, lendo o jornal, um copo de bebida ao seu lado. Eu pensei como o sol da manhã brilhava belamente, luzindo sobre o copo.

– Ninguém está aqui ainda? – Eu perguntei. Ele levantou os olhos do jornal para mim.

– O chefe foi pra rua fazer propaganda, ainda não voltou. A madame estava na cozinha um segundo atrás, ela não está lá?

– Você não veio noite passada, veio?

– Eu vim. Acontece que eu não consigo dormir mais sem primeiro ver o rosto da minha querida Satchan. Eu vim pouco depois das dez, mas eles disseram que você tinha acabado de sair.

– E então?

– Eu passei a noite aqui mesmo. Estava chovendo forte demais.

– Talvez eu passe a dormir aqui a partir de agora.

– Essa é uma ideia boa, eu suponho.

– Sim, é isso que eu farei. Não faz sentido continuar alugando a casa para sempre.

Meu marido não disse nada e voltou a ler o jornal.

– Ora vejam só. Eles estão dizendo coisas ruins sobre mim no jornal de novo. Me chamam de um falso aristocrata com inclinações epicúreas. Isso não é verdade. Seria mais correto se referir a mim como um epicureísta assustado por Deus. Satchan, veja! Está escrito aqui que eu sou um monstro. Não é verdade, é? Agora é tarde para me justificar mas, eu vou lhe contar o porquê de eu ter pego os cinco mil ienes ano passado. Foi para que eu pudesse dar a você e ao garoto o primeiro ano novo feliz em um longo tempo. Isso prova que eu não sou um monstro, não prova?

Eu não fiquei especialmente feliz com a confissão dele, e apenas disse: – Não há nada errado em ser um monstro. Contanto que possamos estar vivos, é o suficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi possível analisar no conto *A Mulher de Villon* algumas das características mais marcantes dos estilo e temática literários de Dazai. Através do estudo da vida do autor foi possível observar como suas experiências influenciaram diretamente no seu estilo, mas também como apesar de seus personagens trazerem características autobiográficas, Dazai permanece misturando ficção e realidade.

Dazai foi uma pessoa atormentada a maior parte de sua vida, e poucos foram os momentos de paz que ele experimentou. É importante ressaltar que, embora a visão de Dazai de que a moral do ser humano é decadente possa carregar alguma dose de verdade, Kawabata estava certo em considerar suas obras e ideias perigosas.

Uma simples pesquisa nos mostra que a maior parte dos autores que seguiram a filosofia da *Burai-ha* não viveram vidas plenas, muito pelo contrário: ao dar vazão a todo tipo de comportamento instintivo e buscando uma vida de abandono aos prazeres, a maior parte deles só pôde encontrar a destruição de suas constituições físicas e desespero existencial. Muitos cometeram suicídio. Por mais que se diga que a natureza humana é decadente, também é da natureza humana buscar a elevação. Nem a negação da decadência, nem o abandono a esta. Na visão deste autor, não pode haver paz sem um equilíbrio dessas duas forças.

Em relação à análise do conto em conjunto com o *Daraku-ron*, vemos a confusão e o clima geral de desorientação intelectual e moral da época. Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, que representou a quebra com vários dos modelos e crenças tradicionais do Japão, entre elas o sistema do Imperialismo, e num processo que se estende até hoje, a quebra da supremacia só homem sobre a mulher, muitos autores ficaram sem uma “bússola moral”, e o quanto isso se refletia na população é mostrado na popularidade destes autores entre os leitores.

Em *A Mulher de Villon* vemos Dazai fazer uma de suas defesas mais contundentes à ruptura com as tradições e costumes do Japão antigo, ao mesmo tempo que vemos, contraditoriamente, sua sensação de culpa pela vida de fruição irrestrita dos prazeres da carne e do álcool, que o levam cada vez mais perto da própria destruição, como vemos na voz de Ōtani quando deseja a própria morte, ou na descrição de Satchan do desespero do marido:

As vezes ele chora e as lágrimas correm em profusão por seu rosto, ou sem nenhum aviso, ele se arrasta até a minha cama e me segura forte, suplicando: “Meu Deus, eu não posso continuar. Estou com medo. Estou com medo. Me ajude!”

Dazai, conquanto frequentemente ridicularize a hipocrisia daqueles que tentam manter uma imagem de decência, se diz assustado com a existência de Deus. Ele se afirma um “epicureísta assustado por Deus”, como quem diz “Não posso evitar o que faço, mas sei que é errado e terá suas consequências”.

Embora Dazai e muitos outros escritores da *Burai-ha* digam saber melhor que ninguém a verdadeira natureza da essência humana, e que vivem essa essência, a verdade é que na maior parte do tempo eles se sentiam culpados ou envergonhados da vida que levavam. Diferentemente da revolução moral de Kazuko em *Shayō*, ou de Satchan em *Viyon no Tsuma*, que lutam contra o abandono e enfrentam o mundo para criar seus filhos, Naoji e Ōtani (Dazai) apenas usam a libertação da moral antiga como desculpa para seus atos irrestritos suas vidas de boemia e a fuga das responsabilidades, e por isso são incapazes de alcançar a paz de suas contrapartes femininas. Por isso Dazai sempre representa a figura feminina como mais forte em suas obras.

Esse conflito de valores, e a luta do autor para entender a própria moral ficam bastante claros nesta obra.

Dazai aponta em seu *小説の面白さ (Shōsetsu no Omoshirosa – Diversão de um Romance)*:

O que chamamos de romance literário é, essencialmente, coisas de mulheres, ou seja, não é algo que adultos inteligentes tomam a sério, muito menos que defendem depois da leitura batendo punhos na mesa. O tipo de pessoas que, após ler um romance, afirmam ter conseguido endireitar suas personalidades, ou tornaram-se mais humildes, como piada podem parecer até engraçadas mas, se realmente mudaram seu comportamento, podemos dizer que tratam-se de loucos. (Dazai Osamu Zenshū, X)²⁵

No entanto, é inegável que ele próprio foi muito influenciado pelas obras de seu tempo. Sua culpa em ser da aristocracia, e sua visão pessimista da vida, são reflexos das obras marxistas e outros tipos de obra que ele lia.

25 Tradução nossa.

De todo modo, a leitura de *Shōsetsu no Omoshirosa* nos mostra a visão que Dazai tinha sobre o romance e a literatura de modo geral, e nos permite compreender um pouco melhor o porquê de ele não poder ser considerado autor de Shishōsetsu. Os autores de Shishōsetsu tinham o romance como uma ferramenta para abordar suas próprias vidas de modo quase que fidedigno.

Dazai, por outro lado, descreve que o que se entende por romance não é algo que deva ser considerado matéria de debates, e que deve ser tido apenas como entretenimento. Dazai acima de tudo tentava escrever obras que fossem interessantes, e não apenas obras que imitassem a realidade, como ele afirma em seu prefácio de *Onna no Kettou* (Dazai Osamu Zenshū, 1957). Isso explica em *A Mulher de Villon* por exemplo por que Dazai dá ao seu personagem-manifestação Ōtani habilidades que o próprio Dazai não possuía, como fluência em Alemão e Francês, e coloca detalhes em sua história que ele próprio não viveu, como os bombardeios em Tóquio. Suas obras têm, como ele diz em *Shōsetsu no Omoshirosa*, o “objetivo claro de conquistar a simpatia das moças... enganando-as através de ‘fingir prestígio, exibir um pretenso conhecimento acadêmico, ou expressar, sem vergonha e sem pudor, as desgraças da própria família’”.

Conhecer a vida e a obra de Dazai, e sua visão sobre a literatura, é um trabalho que deve ser feito com muito cuidado, no entanto, evitando se entregar ao pessimismo ao qual o autor nos convida. Por outro lado, é essencial para os estudantes de língua e literatura japonesa que desejem ter um bom entendimento da cultura japonesa, em especial da questão do conflito, entre valores morais tradicionais e modernos, que ainda hoje influencia muito o Japão, e também útil a todos aqueles que desejem adentrar um pouco mais os domínios da própria natureza e convicções sobre a moral e os costumes.

Por fim, embora todo este trabalho se pautar na análise da decadência, é preciso terminar em um tom positivo, pois embora a decadência seja certa a tudo que existe, ela é apenas um degrau necessário para a renovação. O ser humano reconhece as próprias forças quando é confrontado com suas fraquezas.

Por isso, em resposta a Sakaguchi Ango, que diz na conclusão de seu *Daraku-ron*: 墮ちる道を墮ちきることによって、自分自身を発見し、救わなければならない (Ochiru michi wo ochikuru

koto ni yotte, jibun jishin wo hakken shi, sukuwanakereba naranai – Através da decadência devemos nos encontrar a nós mesmos e nos salvarmos)²⁶, escrevo um pequeno Haiku²⁷.

墮ちる道	No caminho da decadência,
昇天道を	O caminho da ascensão
隠すのみ	Apenas se esconde

(Original e tradução: Gustavo Bessoni)

26 Tradução nossa.

27 Haiku: poesia japonesa curta de três versos, cuja métrica é de 5, 7, e 5 sílabas respectivamente.

BIBLIOGRAFIA

BRUDNOY, David. The Immutable Despair of Dazai Osamu, *Monumenta Nipponica*, Vol. 23, No ¾ (1968), Sophia University, pp. 457-474.

COHN, Joel R. *Studies in the Comic Spirit in Modern Japanese Fiction*, Harvard University Asian Center, 1998

COX, Jamie Walden. *Dazai's Women: Dazai Osamu and his Female Narrators*, Portland State University, 2012

DAZAI, Osamu. *Dazai Osamu Zenshū*, 12 Volumes. Tóquio, Chikuma Shobō, 1957-58.

KEENE, Donald. *Modern Japanese Literature: an Anthology – Villon's wife*, Grove Press, New York, 1994, pp. 398-414.

KEENE, Donald. *Dawn to the West: Japanese Literature in Modern Era – FICTION*, Henry Holt and Company, 1984a.

KEENE, Donald. Tradução, *The Setting Sun*, Charles E. Tuttle Company, Inc., Bunkyo-ku, Tokyo, 1984b.

LYONS, Phyllis I. *The Art is Me*, *Harvard Journal of Asiatic Studies*, Vol. 41, No. 1 (Jun. 1981), pp. 93-110

LYONS, Phyllis I. *The Saga of Dazai Osamu: A Critical Study with Translations*, Standford University Press, Standford, California, 1985.

MATSUSHITA, Hiroyuki. [Shōsetsu no Omoshirosa] *Shōron: <Majime>sa he no hango*, Osaka, Japan, Shoshi Yamanouchi, 2014.

MC.CARTHY, Ralph F. *Blue Bamboo*, Kodansha International, Tokyo, Japan, 1993

NATILI, Donatella. *O Romance Moderno no Japão*

RIMER, J. Thomas. *Modern Japanese Fiction and Its Traditions*, Princeton University Press, New Jersey, 1978

SAKAGUCHI, Ango, and SEIJI M. Lippit. "Discourse on Decadence." *Review of Japanese Culture and Society*, vol. 1, no. 1, 1986, pp. 1-5. *JSTOR*, JSTOR, <www.jstor.org/stable/42800058>.

UEDA, Makoto. *Modern Japanese Writers and the nature of literature*, Standford University press, California, 1976.

APÊNDICE

TRADUÇÃO DE 小説の面白さ(*Shōsetsu no Omoshirosa – A Diversão de um Romance*)

[A Diversão de um Romance, 1948] DAZAI OSAMU

Tradução por Gustavo Bessoni

O que chamamos de romance literário é, essencialmente, coisa de mulheres, ou seja, não é algo que adultos inteligentes tomam a sério, muito menos que defendem depois da leitura batendo punhos na mesa. O tipo de pessoas que, após ler um romance, afirmam ter conseguido endireitar suas personalidades ou tornaram-se mais humildes, como piada podem parecer até engraçadas mas, se realmente mudaram seu comportamento, podemos dizer que tratam-se de loucos.

Por exemplo, imaginem que em uma casa a esposa lê um romance, e o marido, enquanto vira-se para o espelho e dá o nó em sua gravata antes de sair para o trabalho, lhe pergunta quais os romances interessantes recentemente. Ao que a esposa responde: “‘*Por quem os sinos dobram*’ de Hemingway”. O marido, então, abotoando o paletó, pergunta em um tom meio idiota qual o enredo. A esposa, animando-se repentinamente, explica detalhadamente o enredo, e emocionando-se com o romance começa a chorar convulsivamente. O marido, colocando o casaco, afirma - “Uhum, parece interessante”. E assim, sai para o trabalho, e de noite, indo para um bar que frequenta, comenta - “Parece que entre os romances recentes o melhor é ‘*Por quem os sinos dobram*’ de Hemingway”.

Tais são as condições em que se encontra o romance hoje, e, na verdade, se conseguirem enganar mulheres já é um grande feito. Existem vários métodos para enganar essas mulheres, seja por personificar a dignidade, exaltar a beleza, fingir prestígio, exibir um pretensioso conhecimento acadêmico, ou expressar, sem vergonha e sem pudor, as desgraças da própria família; além disto, apesar da intenção claramente óbvia de obter a simpatia das jovens moças, parece que existem idiotas chamados “críticos literários”, que se dedicam a isso e até fazem disto seu ganha pão, não é surpreendente?

Me deixem dizer uma última coisa: no passado, havia um autor chamado Takizawa Bakin. As coisas que ele escrevia não eram muito interessantes, mas, no prefácio da obra que

aparentemente foi sua *Magnum Opus*²⁸, intitulada *Satomi Hakkenden*²⁹, se lê:

“Se esta obra servir para algo, pelo menos para despertar moças de sua sonolência, serei afortunado”. E então, mesmo depois de ficar cego, ele continuou ditando suas obras para “despertar as moças”³⁰. Não lhe parece algo estúpido?

Farei uma pequena digressão. Certa vez, numa noite em que eu não conseguia dormir, tentei ler uma obra intitulada “Antes do Amanhecer” de um escritor chamado Fujimura. Após completá-lo fiquei sonolento, joguei o livro ao lado da cama e adormeci profundamente. E então tive um sonho. Foi um sonho que não se relacionava em nada com aquela obra, de forma alguma. Quando perguntei a alguém depois, me disseram que esta obra levou 10 anos para ser completada.

28 A melhor, mais popular ou renomada obra de um autor. Mais comumente utilizada no meio literário e musical.

29 南総里見八犬伝 - *Nansō Satomi Hakkenden*: Crônicas dos oito cães de Satomi de Nanso, obra de Takizawa Bakin (1767 – 1848). Embora seja traduzido como “oito cães”, os caracteres 八犬 (hakken) na verdade fazem referência aos personagens, oito rapazes, que possuem o caractere 犬 (Inu – Cão) em seus nomes.

30 Takizawa Bakin ficou cego alguns anos antes de morrer, mas continuou ditando suas obras para sua nora, que as escrevia no seu lugar, até o fim de sua vida.

小説の面白さ

太宰治

小説と云うものは、本来、女子供の読むもので、いわゆる利口な大人が目の色を変えて読み、しかもその読後感を卓を叩いて論じ合うと云うような性質のものではないのであります。小説を読んで、襟を正しただの、頭を下げただのと云っている人は、それが冗談ならばまた面白い話柄でもありましようが、事実そのような振舞いを致したならば、それは狂人の仕草と申さなければなりません。たとえば家庭に於いても女房が小説を読み、亭主が仕事に出掛ける前に鏡に向ってネクタイを結びながら、この頃どんな小説が面白いんだいと聞き、女房答えて、ヘミングウェイの「誰がために鐘は鳴る」が面白かったわ。亭主、チョッキのボタンをはめながら、どんな筋だいと、馬鹿にしきったような口調で訊ねる。女房、俄かに上気し、その筋書を縷々と述べ、自らの説明に感激しむせび泣く。亭主、上衣を着て、ふむ、それは面白そうだ。そうして、その働きのある亭主は仕事に出掛け、夜は或るサロンに出席し、曰く、この頃の小説ではやはり、ヘミングウェイの「誰がために鐘は鳴る」に限るようですな。

小説と云うものは、そのように情無いもので、実は、婦女子をだませばそれで大成功。その婦女子をだます手も、色々ありまして、或いは謹厳を装い、或いは美貌をほのめかし、あるいは名門の出だと偽り、或いはろくでもない学識を総ざらいにひけらかし、或いは我が家の不幸を恥も外聞も無く発表し、以て婦人のシンパシーを買わんとする意図明々白々なるにかかわらず、評論家と云う馬鹿者がありまして、それを捧げ奉り、また自分の飯の種にしているようですから、呆れるじゃありませんか。

最後に云って置きますが、むかし、滝沢馬琴と云う人がありまして、この人の書いたものは余り面白く無かったけれど、でも、その人のライフ・ワークらしい里見八犬伝の序文に、婦女子のねむけ醒しともなれば幸なりと書いてありました。そうして、その婦女子のねむけ醒しのために、あの人は目を潰してしまひまして、それでも、口述筆記で続けたってんですから、馬鹿なもんじゃありませんか。

余談のようになりますが、私はいつだか藤村と云う人の夜明け前と云う作品を、眠れない夜に朝までかかって全部読み尽し、そうしたら眠くなってきましたので、その部厚の本を枕元に投げ出し、うとうと眠りましたら、夢を見ました。それが、ちっとも、何にも、ぜんぜん、その作品と関係の無い夢でした。あとで聞いたら、その人が、その作品の完成のために十年間かかったと云うことでした。

底本の親本：「筑摩全集類聚版太宰治全集第十巻」筑摩書房
1977（昭和52）年2月25日初版第1刷発行

初出：「個性 第一巻第三号」
1948（昭和23）年3月1日発行

入力：土屋隆
校正：noriko saito
2005年3月17日作成
2016年7月12日修正

青空文庫作成ファイル：このファイルは、インターネットの図書館、[青空文庫](http://www.aozora.gr.jp/)
[\(http://www.aozora.gr.jp/\)](http://www.aozora.gr.jp/)で作られました。入力、校正、制作にあたったのは、ボランティアの皆さんです。

ヴィヨンの妻

太宰治

一

あわただしく、玄関をあける音が聞えて、私はその音で、眼をさましたましたが、それは泥酔の夫の、深夜の帰宅にきまっているのでございますから、そのまま黙って寝ていました。

夫は、隣の部屋に電気をつけ、はあっはあっ、とすさまじく荒い呼吸をしながら、机の引出しや本箱の引出しをあけて掻きまわし、何やら捜している様子でしたが、やがて、どたりと畳に腰をおろして坐ったような物音が聞えまして、あとはただ、はあっはあっという荒い呼吸ばかりで、何をしている事やら、私が寝たまま、

「おかえりなさいまし。ごはんは、おすみですか？ お戸棚に、おむすびがございますけど」

と申しますと、

「や、ありがとう」といつになく優しい返事をいたしまして、「坊やはどうです。熱は、まだありますか？」とたずねます。

これも珍しい事でございます。坊やは、来年は四つになるのですが、栄養不足のせい、または夫の酒毒のせい、か、病気のせい、か、よその二つの子供よりも小さいくらいで、歩く足許さえおぼつかなく、言葉もウマウマとか、イヤイヤとかを言えるくらいが関の山で、脳が悪いのではないかとも思われ、私はこの子を銭湯に連れて行きはだかにして抱き上げて、あんまり小さく醜く痩せているので、凄しくなっていて、おおぜいの人の前で泣いてしまった事さえございました。そうしてこの子は、しょっちゅう、おなかをこわしたり、熱を出したり、夫は殆ど家に落ちついている事は無く、子供の事など何とと思っているのやら、坊やが熱を出しまして、と私が言っても、あ、そう、お医者さんに連れて行ったらいいでしょう、と言って、いそがしげに二重廻しを羽織ってどこかへ出掛けてしまいます。お医者さんに連れて行きたくっても、お金も何も無いのですから、私は坊やに添寝して、坊やの頭を黙って撫でてやっているより他は無いのでございます。

けれどもその夜はどういうわけか、いやに優しく、坊やの熱はどうだ、など珍らしくたずねて下さって、私はうれしいよりも、何だかおそろしい予感で、脊筋が寒くなりま

した。何とも返辞の仕様が無く黙っていますと、それから、しばらくは、ただ、夫の烈しい呼吸ばかり聞えていましたが、

「ごめん下さい」

と、女のほそい声が玄関で致します。私は、総身に冷水を浴びせられたように、ぞっとしました。

「ごめん下さい。大谷さん」

こんどは、ちょっと鋭い語調でした。同時に、玄関のあく音がして、

「大谷さん！ いらっしゃるんでしょう？」

と、はっきり怒っている声で言うのが聞えました。

夫は、その時やっと玄関に出た様子で、

「なんだい」

と、ひどくおどおどしているような、まの抜けた返辞をいたしました。

「なんだいではありませんよ」と女は、声をひそめて言い、「こんな、ちゃんとしたお家もあるくせに、どろぼうを働くなんて、どうした事です。ひとのわるい冗談はよして、あれを返して下さい。でなければ、私はこれからすぐ警察に訴えます」

「何を言うんだ。失敬な事を言うな。ここは、お前たちの来るところでは無い。帰れ！ 帰らなければ、僕のほうからお前たちを訴えてやる」

その時、もうひとりの男の声が出ました。

「先生、いい度胸だね。お前たちの来るところではない、とは出かした。呆れてものが言えねえや。他の事とは違う。よその家の金を、あんた、冗談にも程度がありますよ。いままでだって、私たち夫婦は、あんたのために、どれだけ苦勞をさせられて来たか、わからねえのだ。それなのに、こんな、今夜のような情ねえ事をし出かしてくれる。先生、私は見そこないましたよ」

「ゆすりだ」と夫は、威だけ高に言うのですが、その声は震えていました。「恐喝だ。帰れ！ 文句があるなら、あした聞く」

「たいへんな事を言いやがるなあ、先生、すっかりもう一人前の悪党だ。それではもう警察へお願いするより手がねえぜ」

その言葉の響きには、私の全身鳥肌立ったほどの凄い憎悪がこもっていました。

「勝手にしろ！」と叫ぶ夫の声は既に上ずって、空虚な感じのものでした。

私は起きて寝巻きの上に羽織を引掛け、玄関に出て、二人のお客に、

「いらっしゃいまし」

と挨拶しました。

「や、これは奥さんですか」

膝きりの短い外套を着た五十すぎくらいの丸顔の男のひとが、少しも笑わずに私に向ってちょっと首肯くように会釈しました。

女のほうは四十前後の痩せて小さい、身なりのきちんとしたひとでした。

「こんな夜中にあがりまして」

とその女のひとは、やはり少しも笑わずにショールをはずして私にお辞儀をかえしました。

その時、矢庭に夫は、下駄を突っかけて外に飛び出ようとしていました。

「おっと、そいつあいけない」

男のひとは、その夫の片腕をとらえ、二人は瞬時もみ合いました。

「放せ！ 刺すぞ」

夫の右手にジャックナイフが光っていました。そのナイフは、夫の愛蔵のものでございまして、たしか夫の机の引出しの中にあっただので、それではさっき夫が家へ帰るなり何だか引出しを掻きまわしていたようでしたが、かねてこんな事になるのを予期して、ナイフを捜し、懐にいていたのに、違いありません。

男のひとは身をひきました。そのすきに夫は大きい鴉のように二重廻しの袖をひるがえして、外に飛び出しました。

「どろぼう！」

と男のひとは大声を挙げ、つづいて外に飛び出そうとしていましたが、私は、はだしで土間に降りて男を抱いて引きとめ、

「およしなさいまし。どちらにもお怪我があっては、なりませぬ。あとの始末は、私がいたします」

と申しますと、傍から四十の女のひとも、

「そうですね、とうさん。気ちがいに刃物です。何をするかわかりません」

と言いました。

「ちきしょう！ 警察だ。もう承知できねえ」

ぼんやり外の暗闇を見ながら、ひとりごとのようにそう呟き、けれども、その男のひとの総身の力は既に抜けてしまっていました。

「すみません。どうぞ、おあがりになって、お話を聞かして下さいまし」

と言って私は式台にあがってしゃがみ、

「私でも、あとの始末は出来るかも知れませんから。どうぞ、おあがりになって、どうぞ。きたないところですけど」

二人の客は顔を見あわせ、幽かに首肯き合って、それから男のひとは様子をあらため、

「何とおっしゃっても、私どもの気持は、もうきまっています。しかし、これまでの経緯は一応、奥さんに申し上げて置きます」

「はあ、どうぞ。おあがりになって。そうして、ゆっくり」

「いや、そんな、ゆっくりもしておられません」

と言い、男のひとは外套を脱ぎかけました。

「そのまま、どうぞ。お寒いんですから、本当に、そのまま、お願いします。家中には火の気が一つも無いのでございますから」

「では、このままで失礼します」

「どうぞ。そちらのお方も、どうぞ、そのまま」

男のひとがさきに、それから女のひとが、夫の部屋の六畳間にはいり、腐りかけているような畳、破れほうだいの障子、落ちかけている壁、紙がはがれて中の骨が露出している襖、片隅に机と本箱、それもからっぽの本箱、そのような荒涼たる部屋の風景に接して、お二人とも息を呑んだような様子でした。

破れて綿のはみ出ている座蒲団を私はお二人にすすめて、

「畳が汚うございますから、どうぞ、こんなものでも、おあてになって」

と言い、それから改めてお二人に御挨拶を申しました。

「はじめにお目にかかります。主人がこれまで、たいへんなご迷惑ばかりおかけしてまいりましたようで、また、今夜は何をどう致しました事やら、あのようなおそろしい真似などして、おわびの申し上げ様もございませぬ。何せ、あのような、変わった気象の人なので」

と言いかけて、言葉がつまり、落涙しました。

「奥さん。まことに失礼ですが、いくつにおなりで？」

と男のひとは、破れた座蒲団に悪びれず大あぐらをかいて、肘をその膝の上に立て、こぶしで顎を支え、上半身を乗り出すようにして私に尋ねます。

「あの、私でございますか？」

「ええ。たしか旦那は三十、でしたね？」

「はあ、私は、あの、……四つ下です」

「すると、二十、六、いやこれはひどい。まだ、そんなですか？ いや、その筈だ。旦那が三十ならば、そりゃその筈だけど、おどろいたな」

「私も、さきほどから」と女のひとは、男のひとの脊中の蔭から顔を出すようにして、

「感心しておりました。こんな立派な奥さんがあるのに、どうして大谷さんは、あんなに、ねえ」

「病気だ。病気なんだよ。以前はあれほどでもなかったんだが、だんだん悪くなりやが

った」

と言って大きい溜息をつき、

「実は、奥さん」とあらたまった口調になり、「私ども夫婦は、中野駅の近くに小さい料理屋を経営してまして、私もこれも上州の生れで、私はこれでも堅気のあきんどだったのでございますが、道楽気が強い、というのでございましょうか、田舎のお百姓を相手のケチな商売にもいや気がさして、かれこれ二十年前、この女房を連れて東京へ出て来まして、浅草の、或る料理屋に夫婦ともに住込みの奉公をはじめまして、まあ人並に浮き沈みの苦勞をして、すこし蓄えも出来ましたので、いまのあの中野の駅ちかくに、昭和十一年でしたか、六畳一間に狭い土間附きのまことにむさくるしい小さい家を借りまして、一度の遊興費が、せいぜい一円か二円の客を相手の、心細い飲食店を開業いたしましたして、それでもまあ夫婦がぜいたくもせず、地道に働いて来たつもりで、そのおかげか焼酎やらジンやらを、割にどっさり仕入れて置く事が出来まして、その後の酒不足の時代になりましてからも、よその飲食店のように転業などせずに、どうやら頑張って商売をつづけてまいりまして、また、そうなると、ひいきのお客もむきになって応援を下さって、所謂あの軍官の酒さかなが、こちらへも少しずつ流れて来るような道を、ひらいて下さるお方もあり、対米英戦がはじまって、だんだん空襲がはげしくなってきたから、私どもには足手まといの子供は無し、故郷へ疎開などする気も起らず、まあこの家が焼ける迄は、と、思っ、て、この商売一つにかじりついて来て、どうやら罹災もせず終戦になりましたのでほっとして、こんどは大ぴらに闇酒を仕入れて売っているという、手短かに語ると、そんな身の上の人間なのでございます。けれども、こうして手短かに語ると、さして大きな難儀も無く、割に運がよく暮して来た人間のようにお思いになるかも知れませんが、人間の一生は地獄でございまして、寸善尺魔、とは、まったく本当の事でございますね。一寸の仕合せには一尺の魔物が必ずくっついてまいります。人間三百六十五日、何の心配も無い日が、一日、いや半日あったら、それは仕合せな人間です。あなたの旦那の大谷さんが、はじめて私どもの店に来ましたのは、昭和十九年の、春でしたか、とにかくその頃はまだ、対米英戦もそんなに負けいくさでは無く、いや、そろそろもう負けいくさになっていたのですが、私たちにはそんな、実体、ですか、真相、ですか、そんなものはわからず、ここ二、三年頑張れば、どうにかこうにか対等の資格で、和睦が出来るくらいに考えていまして、大谷さんがはじめて私どもの店にあらわれた時にも、たしか、久留米緋の着流しに二重廻しを引っかけていた筈で、けれども、それは大谷さんだけでなく、まだその頃は東京でも防空服装で身をかためて歩いている人は少く、たいてい普通の服装でのんきに外出できた頃でしたので、私どもも、その時の大谷さんの身なりを、別段だらし無いとも何とも感じませんでした。大谷

さんは、その時、おひとりではございませんでした。奥さんの前ですけれども、いや、もう何も包みかくし無く洗いざらい申し上げましょう、旦那は、或る年増女に連れられて店の勝手口からこっそりはいってまいりましたのです。もともと、もうその頃は、私どもの店も、毎日おもての戸は閉めっきりで、その頃のはやり言葉で言うと閉店開業というやつで、ほんの少数の馴染客だけ、勝手口からこっそりはいり、そうしてお店の土間の椅子席でお酒を飲むという事は無く、奥の六畳間で電気を暗くして大きい声を立てずに、こっそり酔っぱらうという仕組になっていまして、また、その年増女というのは、そのすこし前まで、新宿のバアで女給さんをしていたひとで、その女給時代に、筋のいいお客を私の店に連れて来て飲ませて、私の家の馴染にしてくれるという、まあ蛇の道はへび、という工合いの附合いをしておりまして、そのひとのアパートはすぐ近くでしたので、新宿のバアが閉鎖になって女給をよしましてから、ちょいちょい知合いの男のひとを連れてまいりまして、私どもの店にもだんだん酒が少なくなり、どんなに筋のいいお客でも、飲み手がふえるというのは、以前ほど有難くないばかりか、迷惑にさえ思われたのですが、しかし、その前の四、五年間、ずいぶん派手な金遣いをするお客ばかり、たくさん連れて来てくれたのでございますから、その義理もあって、その年増のひとから紹介された客には、私どもも、いやな顔をせずお酒を差し上げる事にしていました。だから旦那がその時、その年増のひと、秋ちゃん、といますが、そのひとに連れられて裏の勝手口からこっそりはいって来ても、別に私どもも怪しむ事なく、れいのおとり、奥の六畳間に上げて、焼酎を出しました。大谷さんは、その晩はおとなしく飲んで、お勘定は秋ちゃんに払わせて、また裏口からふたり一緒に帰って行きましたが、私には奇妙にあの晩の、大谷さんのへんに静かで上品な素振りが忘れられません。魔物がひとの家にはじめて現われる時には、あんなひっそりした、ういういしいみたいな姿をしているものなのではないでしょうか。その夜から、私どもの店は大谷さんに見込まれてしまったのです。それから十日ほど経って、こんどは大谷さんがひとりで裏口からまいりまして、いきなり百円紙幣を一枚出して、いやその頃はまだ百円と言えば大金でした、いまの二、三千円にも、それ以上にも当る大金でした、それを無理矢理、私の手に握らせて、たのむ、と言って、気弱そうに笑うのです。もう既に、だいぶ召上っている様子でしたが、とにかく、奥さんもお存じでしょう、あんな酒の強いひとはありません。酔ったのかと思うと、急にまじめな、ちゃんと筋のおった話をするし、いくら飲んでも、足もとがふらつくななんて事は、ついぞ一度も私どもに見せた事は無いのですからね。人間三十前後は謂わば血気のさかりで、酒にも強い年頃ですが、しかし、あんなのは珍しい。その晩も、どこかよそで、かなりやって来た様子なのに、それから私の家で、焼酎を立てつづけに十杯も飲み、まるでほとんど無口で、私ども夫婦が何かと話しかけて

も、ただはにかむように笑って、うん、うん、とあいまいに首肯き、突然、何時ですか、と時間をたずねて立ち上り、お釣を、と私が言いますと、いや、いい、と言い、それは困ります、と私が強く言いましたら、にやっと笑って、それではこの次まであずかって置いて下さい、また来ます、と言って帰りましたが、奥さん、私どもがあのひとからお金をいただいたのは、あとにもさきにも、ただこの時いちど切り、それからもう、なんだかんだとごまかして、三年間、一銭のお金も払わずに、私どものお酒をほとんどひとりで、飲みほしてしまったのだから、呆れるじゃありませんか]

思わず、私は、嘔き出しました。理由のわからない可笑しさが、ひょいとかみ上げて来たのです。あわてて口をおさえて、おかみさんのほうを見ると、おかみさんも妙に笑ってうつむきました。それから、ご亭主も、仕方無さそうに苦笑いして、

「いや、まったく、笑い事では無いのだが、あまり呆れて、笑いたくもなりません。じっさい、あれほどの腕前を、他のまともな方面に用いたら、大臣にでも、博士にでも、なににでもなれますよ。私ども夫婦ばかりでなく、あの人に見込まれて、すってんてんになってこの寒空に泣いている人間が他にもまだまだある様子だ。げんにあの秋ちゃんなど、大谷さんと知合ったばかりに、いいパトロンには逃げられるし、お金も着物も無くしてしまうし、いまはもう長屋の汚い一部屋で乞食みたいな暮しをしているそうだが、じっさい、あの秋ちゃんは、大谷さんと知合った頃には、あさましいくらいのぼせて、私たちにも何かと吹聴していたものです。だいいち、ご身分が凄い。四国の或る殿様の別家の、大谷男爵の次男で、いまは不身持のため勘当せられているが、いまに父の男爵が死ねば、長男と二人で、財産をわける事になっている。頭がよくて、天才、というものだ。二十一で本を書いて、それが石川啄木という大天才の書いた本よりも、もっと上手で、それからまた十何冊だかの本を書いて、としか若いけれども、日本一の詩人、という事になっている。おまけに大学者で、学習院から一高、帝大とすすんで、ドイツ語フランス語、いやもう、おっそろしい、何が何だか秋ちゃんに言わせるとまるで神様みたいな人で、しかし、それもまた、まんざら皆うそではないらしく、他のひとから聞いても、大谷男爵の次男で、有名な詩人だという事に変わりはないので、こんな、うちの婆まで、いいとしをして、秋ちゃんと競争してのぼせ上って、さすがに育ちのいいお方はどこか違っていらっしゃる、なんて言って大谷さんのおいでを心待ちにしているていたらくなんですから、たまりません。いまはもう、華族もへったくれも無くなったようですが、終戦前までは、女を口説くには、とにかくこの華族の勘当息子という手に限るようでした。へんに女が、くわっとなるらしいんです。やっぱりこれは、その、いまはやりの言葉で言えば奴隷根性というものなんでしょうね。私なんぞは、男の、それも、すれっからしと来ているのでございますから、たかが華族の、いや、奥さんの前ですけれ

ども、四国の殿様のそのまた分家の、おまけに次男なんて、そんなのは何も私たちと身分のちがいがある筈が無いと思っていますし、まさかそんな、あさましく、くわっとなったりなどはしやしません。ですけれども、やはり、何だかどうもあの先生は、私にとっても苦手でした、もうこんどこそ、どんなにたのまれてもお酒は飲ませまいと固く決心していても、追われて来た人のように、意外の時刻にひょいとあらわれ、私どもの家へ来てやっとほっとしたような様子をするのを見ると、つい決心もにぶってお酒を出してしまうのです。酔っても、別に馬鹿騒ぎをするわけじゃないし、あれでお勘定さえきちんとしてくれたら、いいお客なんですけどね。自分で自分の身分を吹聴するわけでもないし、天才だのなんだのとそんな馬鹿げた自慢をした事ありませんし、秋ちゃんなんか、あの先生の傍で、私どもに、あの人の偉さに就いて広告したりなどすると、僕はお金がほしいんだ、ここの勘定を払いたいんだ、とまるっきり別な事を言って座を白けさせてしまいます。あの人が私どもに今までお酒の代を払った事はありませんが、あのひとのかわりに、秋ちゃんが時々支払って行きますし、また、秋ちゃんの他にも、秋ちゃんに知られては困るらしい内緒の女のひともありまして、そのひとはどこかの奥さんのようで、そのひとも時たま大谷さんと一緒にやって来まして、これもまた大谷さんのかわりに、過分のお金を置いて行く事もありまして、私どもだって、商人でございますから、そんな事でもなかった日には、いくら大谷先生であろうが宮様であろうが、そんなにいつまでも、ただで飲ませるわけにはまいりませんのです。けれども、そんな時たまの支払いだけでは、とても足りるものではなく、もう私どもの大損で、なんでも小金井に先生の家があって、そこにはちゃんとした奥さんもいらっしゃるという事を聞いていたので、いちどそちらへお勘定の相談にあがろうと思って、それとなく大谷さんにお宅はどのへんでしょうと、たずねる事もありましたが、すぐ勘附いて、無いものは無いんだよ、どうしてそんなに気をもむのかね、喧嘩わかれば損だぜ、などと、いやな事を言います。それでも、私どもは何とかして、先生のお家だけでも突きとめて置きたくて、二、三度あとをつけてみた事もありましたが、そのたんに、うまく巻かれてしまうのです。そのうちに東京は大空襲の連続という事になりまして、何が何やら、大谷さんが戦闘帽などかぶって舞い込んで来て、勝手に押入れの中からブランデーの瓶なんか持ち出して、ぐいぐい立ったまま飲んで風のように立ち去ったりなんかして、お勘定も何もあったものでなく、やがて終戦になりましたので、こんどは私どもも大っぴらで闇の酒さかなを仕入れて、店先には新しいのれんを出し、いかに貧乏の店でも張り切って、お客への愛嬌に女の子をひとり雇ったり致しましたが、またもや、あの魔物の先生があらわれまして、こんどは女連れでなく、必ず二、三人の新聞記者や雑誌記者と一緒にまいりまして、なんでもこれからは、軍人が没落して今まで貧乏していた詩人な

どが世の中からもてはやされるようになったとかいうその記者たちの話でございまして、大谷先生は、その記者たちを相手に、外国人の名前だか、英語だか、哲学だか、何だかわけのわからないような、へんな事を言って聞かせて、そうしてひょいと立って外へ出て、それっきり帰りません。記者たちは、興覚め顔に、あいつどこへ行きやがったんだろう、そろそろおれたちも帰ろうか、など帰り支度をはじめ、私は、お待ち下さい、先生はいつもあの手で逃げるのです、お勘定はあなたたちから戴きます、と申します。おとなしく皆で出し合って支払って帰る連中もありますが、大谷に払わせろ、おれたちは五百円生活をしているんだ、と言って怒る人もあります。怒られても私は、いいえ、大谷さんの借金が、いままでいくらになっているかご存じですか？ もしあなたたちが、その借金をいくらでも大谷さんから取って下さったら、私は、あなたたちに、その半分は差し上げます、と言いますと、記者たちも呆れた顔を致しまして、なんだ、大谷がそんなひでえ野郎とは思わなかった、こんどからはあいつと飲むのはごめんだ、おれたちには今夜は金は百円も無い、あした持って来るから、それまでこれをあずかって置いてくれ、と威勢よく外套を脱いだりなんかするのでございます。記者というものは柄が悪い、と世間から言われているようですけれども、大谷さんにくらべると、どうしてどうして、正直であっさりして、大谷さんが男爵の御次男なら、記者たちのほうが、公爵の御総領くらいの値打があります。大谷さんは、終戦後は一段と酒量もふえて、人相がけわしくなり、これまで口にした事の無かったひどく下品な冗談などを口走り、また、連れて来た記者を矢庭に殴って、つかみ合いの喧嘩をはじめたり、また、私どもの店で使っているまだはたち前の女の子を、いつのまにやらだまし込んで手に入れてしまった様子で、私どもも実に驚き、まったく困りましたが、既にもう出来てしまった事ですから泣き寝入りの他は無く、女の子にもあきらめるように言いふくめて、こっそり親御の許にかえしてやりました。大谷さん、何ももう言いません、拝むから、これっきり来ないで下さい、と私が申しまして、大谷さんは、闇でもうけているくせに人並の口をきくな、僕はなんでも知っているぜ、と下司な脅迫がましい事など言いまして、またすぐ次の晩に平気な顔してまいります。私どもも、大戦中から闇の商売などして、その罰が当たって、こんな化け物みたいな人間を引受けなければならなくなったのかも知れませんが、しかし、今晚のような、ひどい事をされては、もう詩人も先生もへったくれもない、どろぼうです、私どものお金を五千円ぬすんで逃げ出したのですからね。いまはもう私どもも、仕入れに金がかかって、家の中にはせいぜい五百円か千円の現金があるくらいのもので、いや本当の話、売り上げの金はすぐ右から左へ仕入れに注ぎ込んでしまわなければならないんです。今夜、私どもの家に五千円などという大金があったのは、もうことしも大みそかが近くなって来ましたし、私が常連のお客さんの家を廻ってお勘定をも

らって歩いて、やっとそれだけ集めてまいりましたのでして、これはすぐ今夜にでも仕入れのほうに手渡してやらなければ、もう来年の正月からは私どもの商売をつづけてや
って行かれなくなるような、そんな大事な金で、女房が奥の六畳間で勘定して戸棚の引
出しにしまったのを、あのひとが土間の椅子席でひとりで酒を飲みながらそれを見てい
たらしく、急に立ってつかつかと六畳間にあがって、無言で女房を押しつけ引出しをあ
け、その五千円の札束をわしづかみにして二重まわしのポケットにねじ込み、私どもが
あっけにとられているうちに、さっさと土間に降りて店から出て行きますので、私は大
声を挙げて呼びとめ、女房と一緒に後を追い、私はこうなればもう、どろぼう！ と叫
んで、往来のひとたちを集めてしばってもらおうかとも思ったのですが、とにかく大谷
さんは私どもとは知合いの間柄ですし、それもむごすぎるように思われ、今夜はどんな
事があっても大谷さんを見失わないようにどこまでも後をつけて行き、その落ちつく先
を見とどけて、おだやかに話してあの金をかえてしてもらおう【#「かえてもらお
う」は底本では「かえてしてもらおう」】、とまあ私どもも弱い商売でございますから、
私ども夫婦は力を合せ、やっと今夜はこの家をつきとめて、かんにん出来ぬ気持をおさ
えて、金をかえて下さいと、おんびんに申し出たのに、まあ、何という事だ、ナイフ
なんか出して、刺すぞだなんて、まあ、なんという】

またもや、わけのわからぬ可笑しさがこみ上げて来まして、私は声を挙げて笑ってし
まいました。おかみさんも、顔を赤くして少し笑いました。私は笑いがなかなかとまら
ず、ご亭主に悪いと思いましたが、なんだか奇妙に可笑しくて、いつまでも笑いつづけ
て涙が出て、夫の詩の中にある「文明の果の大笑い」というのは、こんな気持の事を言
っているのかしらと、ふと考えました。

二

とにかく、しかし、そんな大笑いをして、すまされる事件ではございませんでしたの
で、私も考え、その夜お二人に向って、それでは私が何とかしてこの後始末をする事に
致しますから、警察沙汰にするのは、もう一日お待ちになって下さいまし、明日そちら
さまへ、私のほうからお伺い致します、と申し上げまして、その中野のお店の場所をく
わしく聞き、無理にお二人にご承諾をねがひまして、その夜はそのままでひとまず引き
とっていただき、それから、寒い六畳間のまんなか、ひとり坐って物案じいたしました
が、べつだん何のいい工夫も思い浮びませんでしたので、立って羽織を脱いで、坊や
の寝ている蒲団にもぐり、坊やの頭を撫でながら、いつまでも、いつまで経っても、夜
が明けなければいい、と思いました。

私の父は以前、浅草公園の瓢箪池のほとりに、おでんの屋台を出していました。母は早くなくなり、父と私と二人きりで長屋住居をしていて、屋台のほうも父と二人でやっていたのですが、いまのあの人がときどき屋台に立ち寄って、私はそのうちに父をあざむいて、あの人と、よそで逢うようになりまして、坊やがおなかに出来ましたので、いろいろごたごたの末、どうやらあの人の女房というような形になったものの、もちろん籍も何もはいておりませんし、坊やは、てて無し児という事になっていますし、あの人は家を出ると三晩も四晩も、いいえ、ひとつきも帰らぬ事もございまして、どこで何をしている事やら、帰る時は、いつも泥酔していて、真蒼な顔で、はあっはあっと、くるしそうな呼吸をして、私の顔を黙って見て、ぼろぼろ涙を流す事もあり、またいきなり、私の寝ている蒲団にもぐり込んで来て、私のからだを固く抱きしめて、

「ああ、いかん。こわいんだ。こわいんだよ、僕は。こわい！ たすけてくれ！」

などと言いまして、がたがた震えている事もあり、眠ってからも、うわごとを言うやら、呻くやら、そうして翌る朝は、魂の抜けた人みたいにぼんやりして、そのうちにふっといなくなり、それっきりまた三晩も四晩も帰らず、古くからの夫の知合いの出版のほうのお方が二、三人、そのひとたちが私と坊やの身を案じて下さって、時たまお金を持って来てくれますので、どうやら私たちも飢え死にせずにきょうまで暮してまいりましたのです。

とろとろと、眠りかけて、ふと眼をあけると、雨戸のすきまから、朝の光線がさし込んでいるのに気附いて、起きて身支度をして坊やを脊負い、外に出ました。もうとても黙って家の中におられない気持でした。

どこへ行こうというあてもなく、駅のほうに歩いて行って、駅前の露店で飴を買い、坊やにしゃぶらせて、それから、ふと思いついて吉祥寺までの切符を買って電車に乗り、吊皮にぶらさがって何気なく電車の天井にぶらさがっているポスターを見ますと、夫の名が出ていました。それは雑誌の広告で、夫はその雑誌に「フランソワ・ヴィヨン」という題の長い論文を発表している様子でした。私はそのフランソワ・ヴィヨンという題と夫の名前を見つめているうちに、なぜだかわかりませぬけれども、とてもつらい涙がわいて出て、ポスターが霞んで見えなくなりました。

吉祥寺で降りて、本当にもう何年振りかで井の頭公園に歩いて行って見ました。池のはたの杉の木が、すっかり伐り払われて、何かこれから工事でもはじめられる土地みたいに、へんにむき出しの寒々した感じで、昔とすっかり変わっていました。

坊やを背中からおろして、池のはたのこわれかかったベンチに二人ならんで腰をかけ、家から持って来たおいもを坊やに食べさせました。

「坊や。綺麗きれいなお池でしょ？ 昔はね、このお池に鯉トトや金トトが、たくさん

たくさんいたのだけれども、いまはなんにも、いないわねえ。つまないねえ」

坊やは、何と思ったのか、おいもを口の中に一ぱい頬張ったまま、けけ、と妙に笑いました。わが子ながら、ほとんど阿呆の感じでした。

その池のはたのベンチにいつまでいたって、何のらちのあく事では無し、私はまた坊やを背負って、ぶらぶら吉祥寺の駅のほうへ引返し、にぎやかな露店街を見て廻って、それから、駅で中野行きの切符を買い、何の思慮も計画も無く、謂わばおそろしい魔の淵にするすると吸い寄せられるように、電車に乗って中野で降りて、きのう教えられたとおりの道筋を歩いて行って、あの人たちの小料理屋の前にたどりつきました。

表の戸は、あきませんでしたので、裏へまわって勝手口からはいりました。ご亭主さんはいなくて、おかみさんひとり、お店の掃除をしていました。おかみさんと顔が合ったとたんには私は、自分でも思いがけなかった嘘をすらすらと言いました。

「あの、おばさん、お金は私が綺麗におかえし出来そうですよ。今晚か、でなければ、あした、とにかく、はっきり見込みがついたのですから、もうご心配なさないで」

「おや、まあ、それはどうも」

と言って、おかみさんは、ちょっとうれしそうな顔をしましたが、それでも何か腑に落ちないような不安な影がその顔のどこやらに残っていました。

「おばさん、本当よ。かくじつに、ここへ持って来てくれるひとがあるのよ。それまで私は、人質になって、ここにずっといる事になっていますの。それなら、安心でしょう？」

「お金が来るまで、私はお店のお手伝いでもさせていただきますわ」

私は坊やを背中からおろし、奥の六畳間にひとりで遊ばせて置いて、くるくると立ち働いて見せました。坊やは、もともとひとり遊びには馴れておりますので、少しも邪魔になりません。また頭が悪いせいか、人見知りをしなitchesなので、おかみさんにも笑いかけたりして、私がおかみさんのかわりに、おかみさんの家の配給物をとりに行ってあげている留守にも、おかみさんからアメリカの罐詰の殻を、おもちゃ代りにもらって、それを叩いたりころがしたりしておとなしく六畳間の隅で遊んでいたようでした。

お昼頃、ご亭主がおさかなや野菜の仕入れをして帰って来ました。私は、ご亭主の顔を見るなり、また早口に、おかみさんに言ったのと同様の嘘を申しました。

ご亭主は、きょとんとした顔になって、

「へえ？　しかし、奥さん、お金ってものは、自分の手に、握ってみないうちは、あてにならないのですよ」

と案外、しずかな、教えさとするような口調で言いました。

「いいえ、それがね、本当にたしかなのよ。だから、私を信用して、おもて沙汰にするのは、きょう一日待って下さいな。それまで私は、このお店でお手伝いしていますか

ら」

「お金が、かえって来れば、そりゃもう何も」とご亭主は、ひとりごとのように言い、「何せことしも、あと五、六日なのですからね」

「ええ、だから、それだから、あの私は、おや？ お客さんですわよ。いらっしゃいまし」と私は、店へは行って来た三人連れの職人ふうのお客に向って笑いかけ、それから小声で、「おばさん、すみません。エプロンを貸して下さいな」

「や、美人を雇いやがった。こいつあ、凄い」

と客のひとりが言いました。

「誘惑しないで下さいよ」とご亭主は、まんざら冗談でもないような口調で言い、「お金のかかっているからですから」

「百万ドルの名馬か？」

ともうひとりの客は、げびた洒落を言いました。

「名馬も、雌は半値だそうです」

と私は、お酒のお爛をつけながら、負けずに、げびた受けこたえを致しますと、「けんそんするなよ。これから日本は、馬でも犬でも、男女同権だってさ」と一ばん若いお客が、呶鳴ように言いまして、「ねえさん、おれは惚れた。一目惚れだ。が、しかし、お前は、子持ちだな？」

「いいえ」と奥から、おかみさんは、坊やを抱いて出て来て、「これは、こんど私どもが親戚からもらって来た子ですの。これでもう、やっと私どもにも、あとつぎが出来たというわけですわ」

「金も出来たし」

と客のひとりが、からかいますと、ご亭主はまじめに、

「いろも出来、借金も出来」と呟き、それから、ふいと語調をかえて、「何にしますか？ よせ鍋でも作りましょうか？」

と客にたずねます。私には、その時、或る事が一つ、わかりました。やはりそうか、と自分でひとり首肯き、うわべは何気なく、お客にお銚子を運びました。

その日は、クリスマスの、前夜祭とかいうのに当たっていたようで、そのせいか、お客が絶えること無く、次々と参りまして、私は朝からほとんど何一つ戴いておらなかったのがございしますが、胸に思いがいっぱい籠っているためか、おかみさんから何かおあがりと勧められても、いいえ沢山と申しまして、そうしてただもう、くるくると羽衣一まいを纏って舞っているように身軽く立ち働き、自惚れかも知れませぬけれども、その日のお店は異様に活気づいていたようで、私の名前をたずねたり、また握手などを求めたりするお客さんが二人、三人どころではございせんでした。

けれども、こうしてどうなるのでしょうか。私には何も一つも見当が附いていないのでした。ただ笑って、お客のみだらな冗談にこちらも調子を合せて、更にもっと下品な冗談を言いかえし、客から客へ滑り歩いてお酌して廻って、そうしてそのうちに、自分のこのからだがアイスクリームのように溶けて流れてしまえばいい、などと考えるだけでございました。

奇蹟はやはり、この世の中にも、ときたま、あらわれるものらしゅうございます。

九時すこし過ぎくらいの頃でございましたでしょうか。クリスマスのお祭りの、紙の三角帽をかぶり、ルパンのように顔の上半分を覆いかくしている黒の仮面をつけた男と、それから三十四、五の痩せ型の綺麗な奥さんと二人連れの客が見えまして、男のひとは、私どもには後向きに、土間の隅の椅子に腰を下しましたが、私はその人がお店にはいつてくると直ぐに、誰だか解りました。どろぼうの夫です。

向うでは、私のことに何も気附かぬようでしたので、私も知らぬ振りして他のお客とふざけ合い、そうして、その奥さんが夫と向い合って腰かけて、

「ねえさん、ちょっと」

と呼びましたので、

「へえ」

と返辞して、お二人のテーブルのほうに参りまして、

「いらっしゃいまし。お酒でございますか？」

と申しました時に、ちらと夫は仮面の底から私を見て、さすがに驚いた様子でしたが、私はその肩を軽く撫でて、

「クリスマスおめでとうって言うの？　なんていうの？　もう一升くらいは飲めそうね」

と申しました。

奥さんはそれには取り合わず、改まった顔つきをして、

「あの、ねえさん、すみませんがね、ここのご主人にないないお話し申したい事がございますのですけど、ちょっとここへご主人を」

と言いました。

私は奥で揚物をしているご亭主のところへ行き、

「大谷が帰ってまいりました。会ってやって下さいまし。でも、連れの女のかたに、私のことは黙っていて下さいね。大谷が恥かしい思いをすといけませんから」

「いよいよ、来ましたね」

ご亭主は、私の、あの嘘を半ばは危みながらも、それでもかなり信用してくれていたものようで、夫が帰って来たことも、それも私の何か差しがねに依っての事と単純に

合点している様子でした。

「私のことは、黙っててね」

と重ねて申しますと、

「そのほうがよろしいのでしたら、そうします」

と気さくに承知して、土間に出て行きました。

ご亭主は土間のお客を一わたりざっと見廻し、それから真っ直ぐに夫のいるテーブルに歩み寄って、その綺麗な奥さんと何か二言、三言話を交して、それから三人そろって店から出て行きました。

もういいのだ。万事が解決してしまったのだと、なぜだかそう信ぜられて、流石にうれしく、紺緋の着物を着たままだはたち前くらいの若いお客さんの手首を、だしぬけに強く掴んで、

「飲みましょうよ、ね、飲みましょう。クリスマスですもの」

三

ほんの三十分、いいえ、もっと早いくらい、おや、と思ったくらいに早く、ご亭主がひとりで帰って来まして、私の傍に寄り、

「奥さん、ありがとうございます。お金はかえして戴きました」

「そう。よかったわね。全部？」

ご亭主は、へんな笑い方をして、

「ええ、きのうの、あの分だけはね」

「これまでのが全部で、いくらなの？　ざっと、まあ、大負けに負けて」

「二万円」

「それだけでいいの？」

「大負けに負けました」

「おかえし致します。おじさん、あすから私を、ここで働かせてくれない？　ね、そうして！　働いて返すわ」

「へえ？　奥さん、とんだ、おかるだね」

私たちは、声を合せて笑いました。

その夜、十時すぎ、私は中野の店をおいとまして、坊やを背負い、小金井の私たちの

家にかえりました。やはり夫は帰って来ていませんでしたが、しかし私は、平気でした。あすまた、あのお店へ行けば、夫に逢えるかも知れない。どうして私はいままで、こんないい事に気づかなかったのかしら。きのうまでの私の苦労も、所詮は私が馬鹿で、こんな名案に思いつかなかったからなのだ。私だって昔は浅草の父の屋台で、客あしらいは決して下手ではなかったのだから、これからあの中野のお店できっと巧く立ちまわれるに違いない。現に今夜だって私は、チップを五百円ちかくもらったのだもの。

ご亭主の話に依ると、夫は昨夜あれから何処か知合いの家へ行って泊ったらしく、それから、けさ早く、あの綺麗な奥さんの営んでいる京橋のバーを襲って、朝からウイスキーを飲み、そうして、そのお店に働いている五人の女の子に、クリスマス・プレゼントだと言って無闇にお金をくれてやって、それからお昼頃にタクシーを呼び寄せさせて何処かへ行き、しばらくたって、クリスマスの三角帽やら仮面やら、デコレーションケーキやら七面鳥まで持ち込んで来て、四方に電話を掛けさせ、お知合いの方たちを呼び集め、大宴会をひらいて、いつもちっともお金を持っていない人なのにと、バーのマダムが不審がって、そっと問いただしてみたら、夫は平然と、昨夜のことを洗いざらいそのまま言うので、そのマダムも前から大谷とは他人の仲では無いらしく、とにかくそれは警察沙汰になって騒ぎが大きくなっても、つまらないし、かえさなければなりませんと親身に言って、お金はそのマダムがたてかえて、そうして夫に案内させ、中野のお店に来てくれたのだそうで、中野のお店のご亭主は私に向って、

「たいがい、そんなところだろうとは思っていましたが、しかし、奥さん、あなたはよくその方角にお気が附きましたね。大谷さんのお友だちにでも頼んだのですか」

とやはり私が、はじめからこうしてかえって来るのを見越して、このお店に先廻りして待っていたもののように考えているらしい口振りでしたから、私は笑って、

「ええ、そりゃもう」

とだけ、答えて置きましたのです。

その翌の日からの私の生活は、今までとはまるで違って、浮々した楽しいものになりました。さっそく電髪屋に行って、髪の手入れも致しましたし、お化粧品も取りそろえまして、着物を縫い直したり、また、おかみさんから新しい白足袋を二足もいただき、これまでの胸の中の重苦しい思いが、きれいに拭い去られた感じでした。

朝起きて坊やと二人で御飯をたべ、それから、お弁当をつくって坊やを脊負い、中野にご出勤ということになり、大みそか、お正月、お店のかきいれどきなので、椿屋つばきやの、さっちゃん、というのがお店での私の名前なのでございますが、そのさっちゃんは毎日、眼のまわるくらいの大忙しで、二日に一度くらいは夫も飲みに行って参りまして、お勘定は私に払わせて、またふっといなくなり、夜おそく私のお店を覗いて、

「帰りませんか」

とそっと言い、私も首肯いて帰り支度をはじめ、一緒にたのしく家路をたどる事も、しばしばございました。

「なぜ、はじめからこうしなかったのでしょうかね。とっても私は幸福よ」

「女には、幸福も不幸も無いものです」

「そうなの？　そう言われると、そんな気もして来るけど、それじゃ、男の人は、どうなの？」

「男には、不幸だけがあるんです。いつも恐怖と、戦ってばかりいるのです」

「わからないわ、私には。でも、いつまでも私、こんな生活をつづけて行きとうございませわ。椿屋のおじさんも、おばさんも、とてもいいお方ですもの」

「馬鹿なんですよ、あのひとたちは。田舎者ですよ。あれでなかなか慾張りでね。僕に飲ませて、おしまいには、もうけようと思っているのです」

「そりゃ商売ですもの、当たり前だわ。だけど、それだけでも無いんじゃない？　あなたは、あのおかみさんを、かすめたでしょう」

「昔ね。おやじは、どう？　気附いているの？」

「ちゃんと知っているらしいわ。いろも出来、借金も出来、といつか溜息まじりに言っていたわ」

「僕はね、キザのようですけど、死にたくて、仕様が無いんです。生れた時から、死ぬ事ばかり考えていたんだ。皆のためにも、死んだほうがいいんです。それはもう、たしかなんだ。それでいて、なかなか死ねない。へんな、こわい神様みたいなものが、僕の死ぬのを引きとめるのです」

「お仕事が、おありですから」

「仕事なんてものは、なんでも無いんです。傑作も駄作もありやしません。人がいいと言えば、よくなるし、悪いと言えば、悪くなるんです。ちょうど吐くいきと、引くいきみたいなものなんです。おそろしいのはね、この世の中の、どこかに神がいる、という事なんです。いるんでしょうね？」

「え？」

「いるんでしょうね？」

「私には、わかりませんわ」

「そう」

十日、二十日とお店にかよっているうちに、私には、椿屋にお酒を飲みに来ているお客さんがひとり残らず犯罪人ばかりだという事に、気がついてまいりました。夫などはまだまだ、優しいほうだと思えるようになりました。また、お店のお客さんばかりでなく、

路を歩いている人みなが、何か必ずうしろ暗い罪をかくしているように思われて来ました。立派な身なりの、五十年配の奥さんが、椿屋の勝手口にお酒を売りに来て、一升三百円、とはっきり言いまして、それはいまの相場にしては安いほうですので、おかみさんがすぐに引きとってやりましたが、水酒でした。あんな上品そうな奥さんさえ、こんな事をたくらまなければならなくなっている世の中で、我が身にうしろ暗いところが一つも無くて生きて行く事は、不可能だと思いました。トランプの遊びのように、マイナスを全部あつめるとプラスに変わるという事は、この世の道徳には起り得ない事でしょうか。

神がいるなら、出て来て下さい！ 私は、お正月の末に、お店のお客にけがされました。

その夜は、雨が降っていました。夫は、あらわれませんでした。夫の昔からの知合いの出版のほうの方で、時たま私のところへ生活費をとどけて下さった矢島さんが、その同業のお方らしい、やはり矢島さんくらいの四十年配のお方と二人でお見えになり、お酒を飲みながら、お二人で声高く、大谷の女房がこんなところで働いているのは、よろしくないとか、よろしいとか、半分は冗談みたいに言い合い、私は笑いながら、「その奥さんは、どこにいらっしゃるの？」

とたずねますと、矢島さんは、

「どこにいるのか知りませんがね、すくなくとも、椿屋のさっちゃんよりは、上品で綺麗だ」

と言いますので、

「やけるわね。大谷さんみたいな人となら、私は一夜でもいいから、添ってみたいわ。私はあんな、ずるいひとが好き」

「これだからねえ」

と矢島さんは、連れのお方のほうに顔を向け、口をゆがめて見せました。

その頃になると、私が大谷という詩人の女房だという事が、夫と一緒にやって来る記者のお方たちにも知られていましたし、またそのお方たちから聞いてわざわざ私をからかいにおいでになる物好きなお方などもありまして、お店はにぎやかになる一方で、ご亭主のご機嫌もいよいよ、まんざらでございませんでしたのです。

その夜は、それから矢島さんたちは紙の闇取引の商談などして、お帰りになったのは十時すぎで、私も今夜は雨も降るし、夫もあらわれそうもございませんでしたので、お客さんがまだひとり残っておりましたけれども、そろそろ帰り支度をはじめ、奥の六畳の隅に寝ている坊やを抱き上げて脊負い、

「また、傘をお借りしますわ」

と小声でおかみさんにお頼みしますと、

「傘なら、おれも持っている。お送りしましょう」

とお店に一人のこっていた二十五、六の、痩せて小柄な工員ふうのお客さんが、まじめな顔をして立ち上りました。それは、私には今夜がはじめてのお客さんでした。

「はばかりさま。ひとり歩きには馴れていますから」

「いや、お宅は遠い。知っているんだ。おれも、小金井の、あの近所の者なんだ。お送りしましょう。おばさん、勘定をたのむ」

お店では三本飲んだだけで、そんなに酔ってもいないようでした。

一緒に電車に乗って、小金井で降りて、それから雨の降るまっくらい路を相合傘で、ならんで歩きました。その若いひとは、それまでほとんど無言でいたのですが、ぼつりぼつり言いはじめ、

「知っているのです。おれはね、あの大谷先生の詩のファンなのですよ。おれもね、詩を書いているのですがね。そのうち、大谷先生に見ていただこうと思っていたのですがね。どうもね、あの大谷先生が、こわくてね」

家につきました。

「ありがとうございました。また、お店で」

「ええ、さようなら」

若いひとは、雨の中を帰って行きました。

深夜、がらがらと玄関のあく音に、眼をさましましたが、れいの夫の泥酔のご帰宅かと思ひ、そのまま黙って寝ていましたら、

「ごめん下さい。大谷さん、ごめん下さい」

という男の声が致します。

起きて電燈をつけて玄関に出て見ますと、さっきの若いひとが、ほとんど直立できにくいくらいにふらふらして、

「奥さん、ごめんなさい。かえりにまた屋台で一ぱいやりましてね、実はね、おれの家は立川でね、駅へ行ってみたらもう、電車がねえんだ。奥さん、たのみます。泊めて下さい。ふとんも何も要りません。この玄関の式台でもいいのだ。あしたの朝の始発が出るまで、ごろ寝させて下さい。雨さえ降ってなげや、その辺の軒下にでも寝るんだが、この雨では、そうもいかねえ。たのみます」

「主人もおりませんし、こんな式台でよろしかったら、どうぞ」

と私は言い、破れた座蒲団を二枚、式台に持って行ってあげました。

「すみません。ああ酔った」

と苦しそうに小声で言い、すぐにそのまま式台に寝ころび、私が寢床に引返した時に

は、もう高い軒が聞えていました。

そうして、その翌日のあけがた、私は、あっけなくその男の手にいれられました。

その日も私は、うわべは、やはり同じ様に、坊やを背負って、お店の勤めに出かけました。

中野のお店の土間で、夫が、酒のはいったコップをテーブルの上に置いて、ひとりで新聞を読んでいました。コップに午前の陽の光が当って、きれいだと思いました。

「誰もいないの？」

夫は、私のほうを振り向いて見て、

「うん。おやじはまだ仕入れから帰らないし、ばあさんは、ちょっといままでお勝手のほうにいたようだったけど、いませんか？」

「ゆうべは、おいでにならなかったの？」

「来ました。椿屋のさっちゃんの顔を見ないとこのごろ眠れなくなってね、十時すぎにここを覗いてみたら、いましがた帰りましたというのでね」

「それで？」

「泊っちゃいましたよ、ここへ。雨はざんざん降っているし」

「あたしも、こんどから、このお店にずっと泊めてもらう事にしようかしら」

「いいでしょう、それも」

「そうするわ。あの家をいつまでも借りてるのは、意味ないもの」

夫は、黙ってまた新聞に眼をそそぎ、

「やあ、また僕の悪口を書いている。エピキュリアンのにせ貴族だってさ。こいつは、当っていない。神におびえるエピキュリアン、とでも言ったらよいのに。さっちゃん、ごらん、ここに僕のことを、人非人なんて書いていますよ。違うよねえ。僕は今だから言うけれども、去年の暮にね、ここから五千元持って出たのは、さっちゃんと坊やに、あのお金で久しぶりのいいお正月をさせたかったからです。人非人でないから、あんな事も仕出かすのです」

私は格別うれしくもなく、

「人非人でもいいじゃないの。私たちは、生きていさえすればいいのよ」

と言いました。

底本：「ヴィヨンの妻」新潮文庫、新潮社

1950（昭和25）年12月20日発行

1985（昭和60）年10月30日63刷改版

入力：細渕紀子

校正：小浜真由美

1999年1月1日公開

2011年5月22日修正

青空文庫作成ファイル：

このファイルは、インターネットの図書館、[青空文庫](http://www.aozora.gr.jp/) (<http://www.aozora.gr.jp/>) で作られました。入力、校正、制作にあたったのは、ボランティアの皆さんです。
